

EXPEDIENTE

Le Musée

Revista Anual do Museu dos Capuchinhos
do Rio Grande do Sul

Ano 5 – Nº 5 – 2019

Editor: Moacir P. Molon – MTb 3781

Textos: Daniela Aline Basso - MTb 0019365/RS

Supervisão e colaboração: Frei Celso Bordignon,
Raquel Brambilla e Susiele Alves Ramos

Fotos: Acervo Museu dos Capuchinhos, Daniela
Aline Basso, Diná Araújo, João C. Romanini, João
Cândido e Moacir P. Molon

Diagramação: Gabriel Radaelli

Impressão e acabamento: Editora São Miguel

Tiragem: 500 exemplares

*É proibida a reprodução total ou parcial do
conteúdo sem autorização prévia dos editores.*

Museu dos Capuchinhos

Diretor: Celso Bordignon

Coordenação: Raquel Brambilla (Museóloga
COREM 3R 0188-I)

Rua General Mallet, 33A – B. Rio Branco

Caxias do Sul/RS - CEP: 98097-000

Telefone: (54) 3220-9565

www.capuchinhos.org.br/muscap

coordenacao@muscap.org.br

facebook.com/museudoscapuchinhos

Instagram: @muscaprs

Província Sagrado Coração de Jesus - Frades Capuchinhos do Rio Grande do Sul

Ministro Provincial: Frei Nilmar Carlos Gatto

Conselheiros Provinciais: Freis Eudes Angelo
Capellari, Miguel Debiasi, Lorí Antônio Vergani e
Claudelino Brustolin

Av. Alexandre Rizzo, 534C – Bairro: Desvio Rizzo

CEP: 95110-000 – Caxias do Sul/RS

Telefone: (54) 3220-3270

ofmcpr@ascap.org.br

www.capuchinhosrs.org.br

Agradecimento especial aos apoiadores

Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo –
Scalabrinianas;

Banca Rio Branco;

Dangle Júlio Marini;

Atelier São Lucas;

Thaise Marchesini.

EDITORIAL

MUSEU É UM SER DINÂMICO

Todo Museu busca relacionar-se com seus públicos específicos e com a comunidade como um todo abrindo suas portas à visitação ou através de eventos. Cumpre sua missão de socializar acervos ou de focar temas que lhe dizem respeito, através de mostras, exposições, palestras etc, dirigidas ao público em geral. Já para atender a públicos específicos, coloca à disposição, adicionalmente, canais especializados de comunicação e de partilha de conhecimentos.

Assim, o Museu dos Capuchinhos – MusCap dedicou-se, no decorrer de 2019, a atender necessidades e públicos diferenciados com vários cursos e oficinas. Este número de *Le Musée* relata, nesse particular, a realização de curso de biodeteriorização, com interesse primordial na preservação do próprio acervo do MusCap, mas também aberto a todos os profissionais da área museológica e outros possíveis interessados. A teoria e a prática da conservação é o dia a dia de todo museu e o MusCap tem como rotina anual a realização de atividades voltadas para conservação e restauro.

No trato com o próprio acervo, o MusCap vem mantendo, desde 2012, um constante monitoramento em relação à proliferação de fungos, dadas as características das instalações. Sobre esse cuidado, vale conferir o estudo da microbiótica fúngica nas páginas 4 a 10.

Le Musée publica com satisfação o texto de fr. Vanildo Zugno “Missões populares: teatralidade e conversão” (p. 11 a 15). Os leitores terão uma sucinta, porém preciosa descrição do que eram e como se realizavam as “missões populares”, primeira e principal atividade dos capuchinhos franceses, fundadores da Província do RS, em 1896. Na falta de instrumental audiovisual, sabiam aplicar técnicas de convencimento de alto impacto, como as chamadas “conferências contraditórias”. Afinal, para missões que chegavam a durar 40 dias, faziam-se necessárias técnicas didáticas impactantes para manter vivo o interesse. No mesmo texto, o leitor também descobrirá como surgiram e qual o significado da cruz implantada na frente das igrejas ao final das missões populares.

Boa leitura.

*Moacir P. Molon | OFMCap
Editor da Le Musée*



SUMÁRIO

artigos

- 4 Levantamento da microbiota fúngica do MusCap
- 11 Missões populares
- 16 Preservação de acervos têxteis

especial

- 20 *Laudato Sii...* assim cantam os Capuchinhos

entrevista

- 24 Ana Virginia Pinheiro

ações

- 28 13^a Primavera dos Museus
- 29 Preservação da coleção de álbuns de fotografias

ações

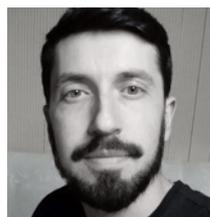
- 31 Férias no MusCap
- 32 Oficina de pintura encáustica
- 33 #MusCapEuParticipo: Exposição, dança e canto
- 34 Oficina de iconografia
- 34 Dia do Patrimônio Cultural
- 35 Acervos em comodato
- 37 Semana dos Museus
- 38 Workshop de cerâmica
- 39 Estágios curriculares
- 40 Curso de Biodeterioração em Bens Culturais
- 41 Dialogarte
- 42 #MusCapEuParticipo: “Lendas de Enganar a Morte”
- 43 Memórias e Coleções

LEVANTAMENTO DA MICROBIOTA FÚNGICA DO MUSCAP*

Susiele Alves Ramos
Formada em História pela
Universidade de Caxias do Sul



Fernando Pozzer
Formado em Educação Artística pela
Universidade de Caxias do Sul e Tecnólogo
em Conservação e Restauro pelo Centro
Universitário da Serra Gaúcha



O Museu dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul, localizado na cidade de Caxias do Sul/RS, concentra diferentes tipos de acervos museológicos, documentais e bibliográficos, referente à história dos Frades Capuchinhos da Província Sagrado Coração de Jesus. Tem como missão preservar e comunicar os objetos e as memórias que contam a trajetória da presença Capuchinha e também as particularidades que tornam especial cada Frade Capuchinho.

Em março de 2016 constatou-se a presença de fungos, microrganismos, que assim como as bactérias, algas e protozoários, vivem em toda parte: no ar, na água, em animais e vegetais (BECK, 2014, p. 38). Os fungos, dispersos por meio do ar atmosférico, são denominados fungos anemófilos e essa microbiota fúngica pode ser semelhante ou diferente em cada cidade ou região (ANDRADE; SOUZA, 2013, p. 148).

Os fungos podem causar danos ao acervo do museu, como por exemplo, a deterioração de materiais. As causas prováveis para o apareci-

mento de colônias fúngicas pode estar ligado à alta umidade nas reservas técnicas, a falta de ventilação natural e por vezes a falta de higienização periódica tanto dos acervos como do ambiente.

Após a coleta, foi realizada análise para a identificação dos fungos encontrados nos acervos do Museu dos Capuchinhos.

histórico do museu

O Museu dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul foi instituído no ano de 1980, em Porto Alegre/RS, por iniciativa de quatro estudantes de Teologia, os freis Arlindo Itacir Battistel, Agemir Bavaresco, Wilson Dallagnol e Celso Bordignon (atual diretor), incentivados pelo Frei Rovílio Costa. Os estudantes tinham como objetivo preservar os bens da Província que estavam expostos a fatores de degradação, armazenados em conventos, sacristias e bibliotecas após as reformas e revitalizações dos espaços litúrgicos resultantes das mudanças propostas pelo Concílio do Vaticano II, que ocorreu de 1961 a 1965.

*Artigo apresentado em 2017, como resultado de Atividade Prática Supervisionada do curso de Tecnólogo em Conservação e Restauro, do Centro Universitário da Serra Gaúcha. Professor avaliador Me. Liziane Bertotti Cripa.

Em 30 de abril de 1980, o então Ministro Provincial Frei Carlos Albino Zagonel enviou uma correspondência aos confrades da Província do Rio Grande do Sul, comunicando o início das atividades do museu. O primeiro Livro de Registro de Acervo foi aberto no mesmo ano e em seu termo de abertura consta o nome "Museu Antropológico-religioso Efrém de Bellevaux". Até o ano de 1985, 777 peças haviam sido registradas, ano em que o acervo foi transferido para o Seminário Seráfico São José, na cidade de Veranópolis/RS.

Após a aprovação oficial, em 1993, no XVI Capítulo Provincial a instituição passa a chamar-se Museu dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul - MusCap.

Em 06 de dezembro de 2000, o museu foi aberto ao público, em sua nova sede no bairro Rio Branco em Caxias do Sul/RS.

No ano de 2012 passou por uma reestruturação museológica, tendo como bases norteadoras o Plano Museológico e um Planejamento Plurianual de Atividades. Para isso foi contratada uma equipe de profissionais com formação específica em diversas áreas de atuação, como a museologia, a história, a conservação e o restauro.

a edificação

O edifício que atualmente abriga o Museu dos Capuchinhos foi construído em 1951 para sediar a Gráfica e a Tipografia do Jornal Correio Riograndense, que até 1952 estavam na cidade de Garibaldi/RS.

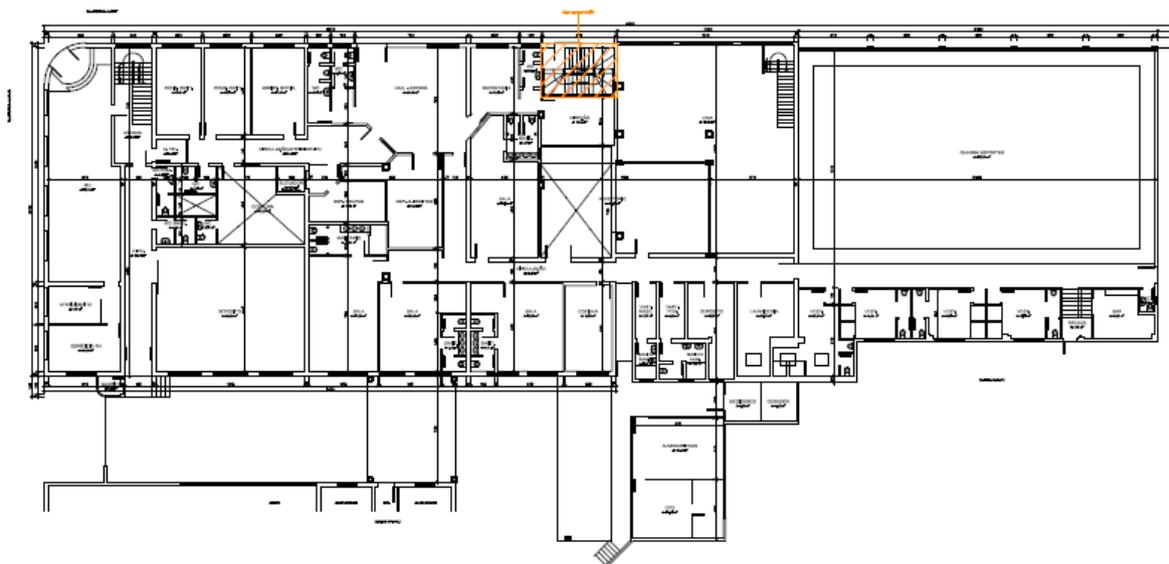
Em 1997 e 1998 foi construído no Bairro Desvio Rizzo em Caxias do Sul/RS um novo parque gráfico, para onde foram transferidos a Editora São Miguel e o Jornal Correio Riograndense.

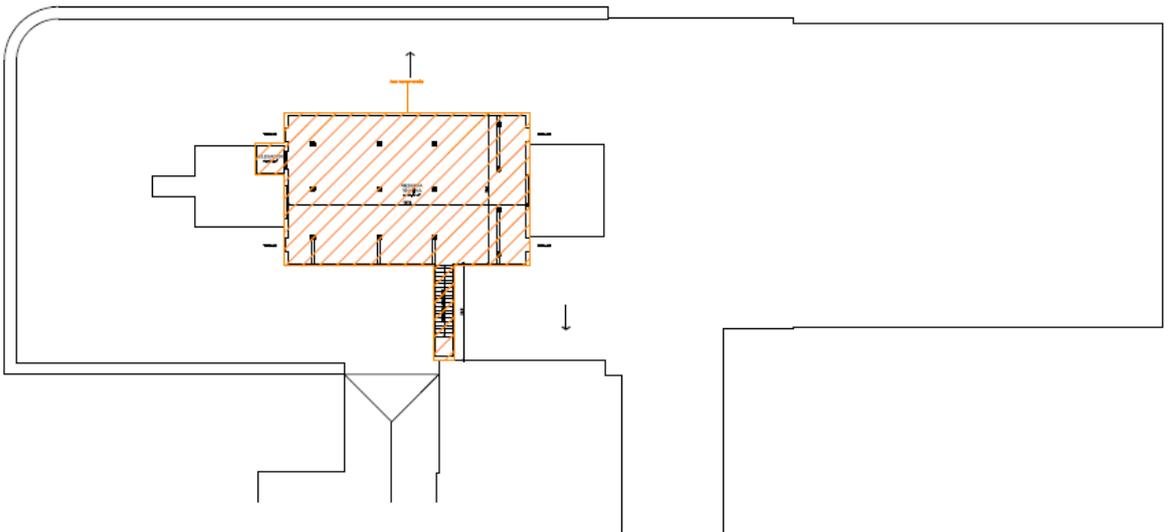
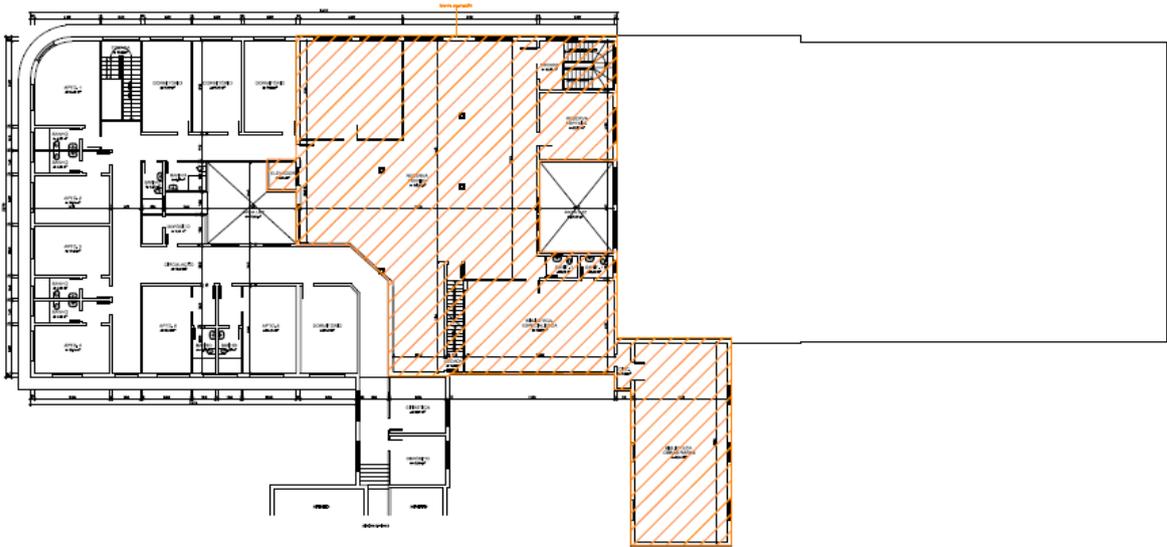
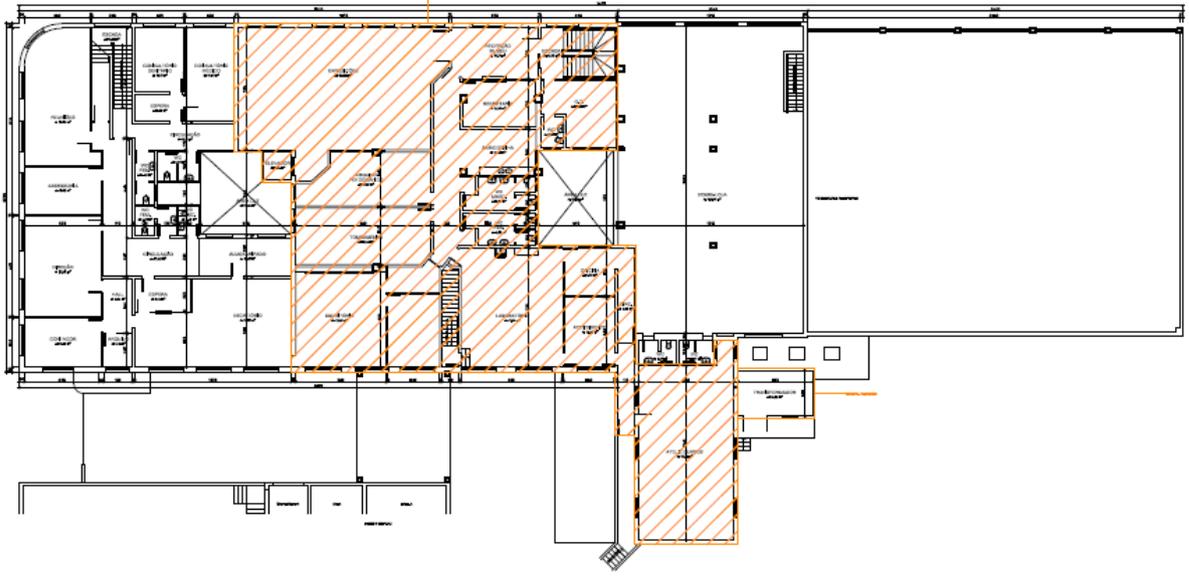
Com essa mudança iniciaram-se as reformas e adaptações na edificação, e parte do prédio foi destinado ao museu. O projeto arquitetônico foi elaborado pelo arquiteto Jaime Boff a partir das necessidades apontadas por Frei Celso Bordignon.

A edificação é propriedade da Associação Literária São Boaventura, mantenedora do museu e possui área de 1.287,30m². Seus ambientes, identificados pela cor laranja nas plantas, estão dispostos em quatro pavimentos:

1. Térreo ou primeiro pavimento: acesso principal, feito por escadaria interna, pela Rua General Mallet, junto à fachada sul;
2. Segundo pavimento: circulações, sanitários, recepção, sala para atividades educativas, sala de exposições, cozinha, arquivo de imagem e som, arquivo fotográfico, arquivo documental, laboratório de conservação e restauro e ateliê de restauro;
3. Terceiro pavimento: circulações, sanitários, reserva técnica, biblioteca especializada, biblioteca de obras raras, sala de registro de acervo;
4. Sótão ou quarto pavimento: reserva técnica.

Nesta e na página a seguir:
planta baixa dos quatro pavimentos da edificação

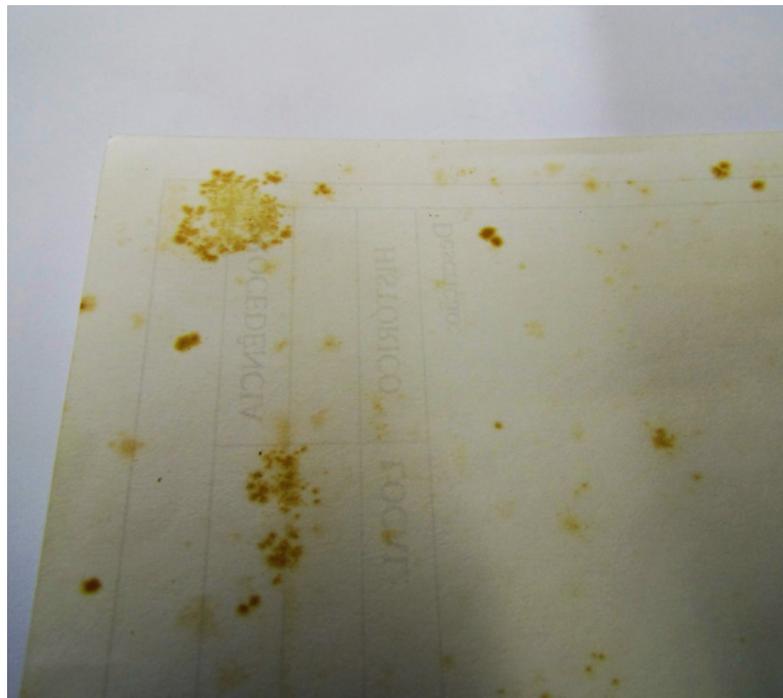




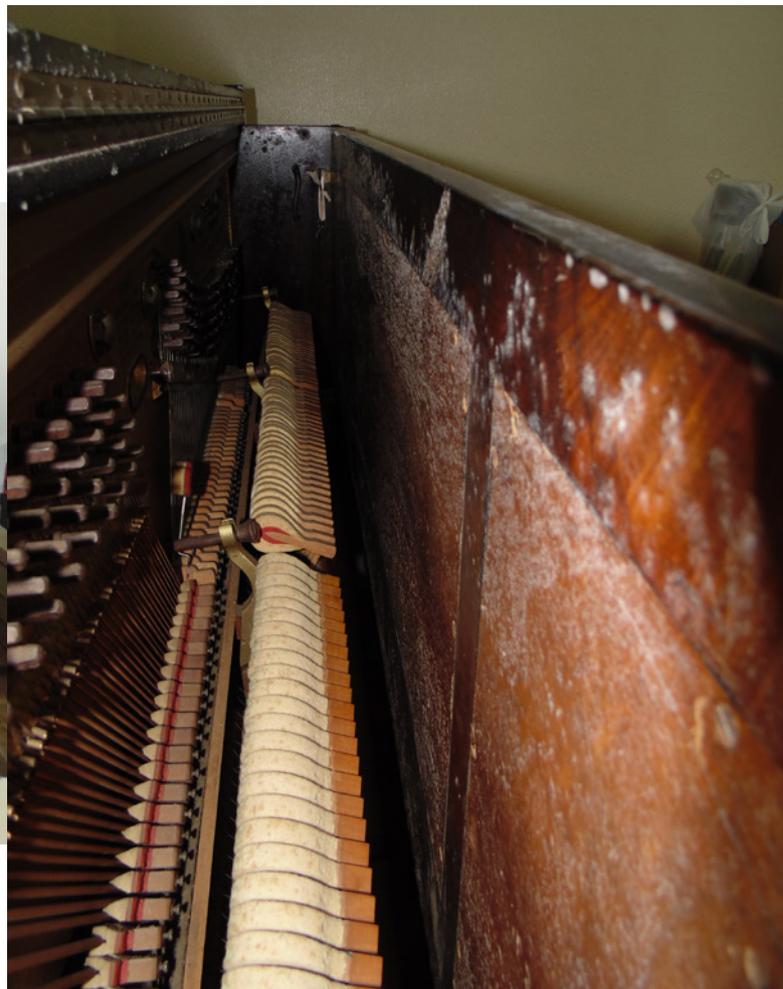
levantamento das patologias

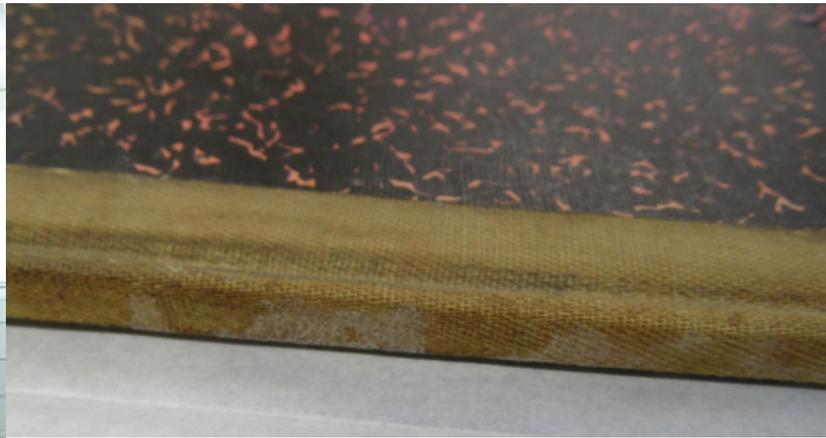
Após a identificação visual da presença de fungos, cinco amostras foram coletadas pelo método de estrias e uma pela exposição ao ar, esta ficou exposta por uma hora a uma altura de aproximadamente um metro do piso, foram utilizadas placas de petri, tendo como meio de cultura Ágar Sabouraud Dextrose (ASD). Após foram mantidas em estufa a 28°C e posteriormente submetidas à análise laboratorial. A coleta aconteceu no dia 30 de março de 2017.

Detalhe de ficha de registro de fotografia com manchas de acidez e área com fungo



Piano com fungos na sua parte interna





Detalhe lombada em tecido da encadernação de documento manuscrito e seu local de guarda, a sala do Arquivo de Documentos

Fragmento de instrumento musical



Mesa com presença de fungos e sua localização na reserva técnica





Placas de Petri nº 1, com crescimento do fungo *Fusarium* sp., e nº6, com crescimento dos fungos *Alternaria* sp. e *Penicillium* sp

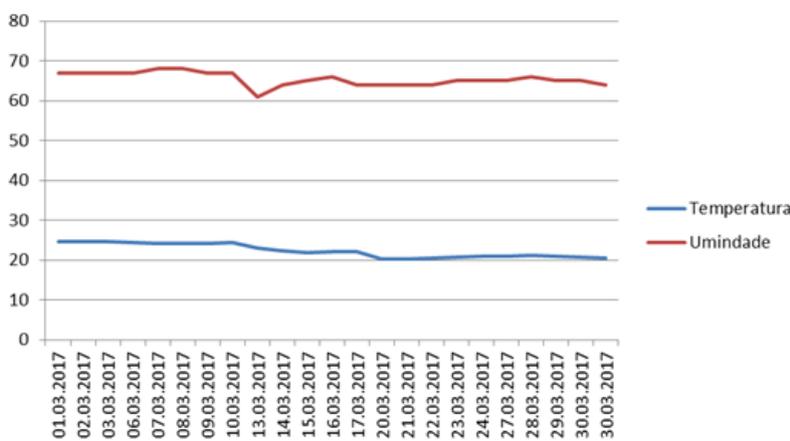
resultados

Após a realização do levantamento das patologias, foi realizada a análise em laboratório das amostras que tiveram crescimento fúngico.

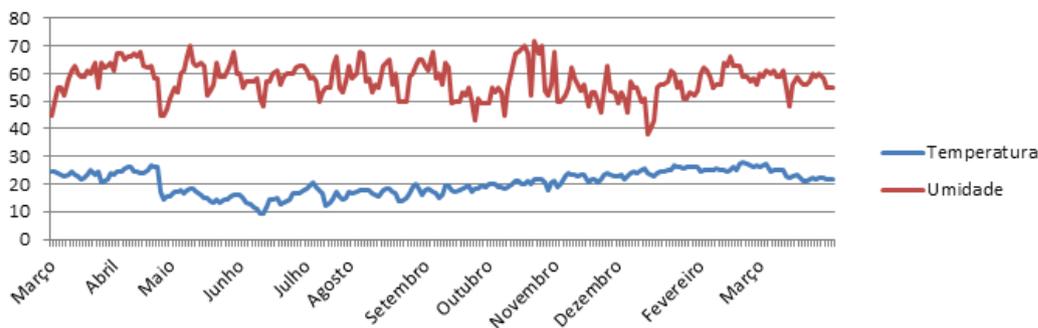
As seis coletas foram realizadas em diferentes locais do museu e em acervos com variado tipo de suporte. Em uma placa não houve crescimento de fungo no meio de cultura, nas outras cinco houve o crescimento, porém em uma delas não foi possível identificar o fungo presente.

Segue abaixo tabela com identificação das placas, dos acervos infectados, a sua localização na edificação do museu e os fungos identificados.

Número da Placa	Identificação do acervo	Localização no museu	Fungos identificados
01	Ficha de Registro de Fotografia	Arquivo Fotográfico – Sala 06 – 2º andar	<i>Fusarium</i> sp.
02	Piano	Acervo de Imagem e Som – Sala 07 – 2º andar	Não houve crescimento fúngico
03	Documento manuscrito encadernado “Compêndio da Sagrada Eloquência”, Garibaldi/RS, 1950.	Arquivo de Documentos – Sala 08 – 2º andar	Não identificado
04	Fragmento de instrumento musical, em madeira e metal	Reserva Técnica Acervo Tridimensional – 3º andar	<i>Penicillium</i> sp.
05	Mesa em madeira, com tampo revestido com fórmica	Reserva Técnica Acervo Tridimensional – 3º andar	<i>Cladosporium</i> sp.
06	Reserva Técnica Acervo Museológico	3º andar	<i>Alternaria</i> sp. <i>Penicillium</i> sp.



Temperatura e Umidade Relativa do Ar do Arquivo Fotográfico no mês de março de 2017, período em que verificou-se a presença do *Fusarium* sp.



Temperatura e Umidade Relativa do Ar na Reserva Técnica 3º andar, no período de março de 2016 a março de 2017

Analisando a temperatura e umidade relativa do ar na Reserva Técnica no período compreendido entre de março de 2016 a março de 2017, local onde houve maior incidência do aparecimento de fungos é possível verificar um alto índice de variação, conforme o gráfico acima. No gráfico da página anterior são apresentados os índices de umidade e temperatura, durante o mês de março de 2017, no Arquivo Fotográfico, local onde esses índices não têm muita variação, porém a umidade ficou entre 60 e 70%. O índice de umidade relativa do ar é um fator que contribui para o desenvolvimento de patologias.

A proliferação de microrganismos é intensificada em ambientes com as seguintes condições:

- umidade relativa do ar acima de 70%;
- estagnação do ar causada por pouca ventilação;
- umidade originada de acidentes com água;
- condensação de umidade provocada por variações bruscas de temperatura. (BECK, 2014, p. 38).

considerações finais

A partir dos dados obtidos durante a investigação, é possível afirmar que há grande incidência de fungos nas reservas técnicas do Museu dos Capuchinhos. Contudo é necessário ampliar esta investigação, fazendo novas coletas e análises.

Um fator importante para evitar a proliferação desses fungos no ambiente do museu é a conservação preventiva, que inclui: a higienização periódica dos acervos, o monitoramento dos locais de guarda, e ainda a utilização de ventilação natural de forma controlada para que ocorra a troca do ar. Estas práticas executadas de forma correta e por profissionais da área de Conservação e Restauro irá diminuir as condições de proliferação de microrganismos.

REFERÊNCIAS

- BECK, Ingrid. Manual de diagnóstico de conservação para acervos arquivísticos e bibliográficos. Brasília, DF: Ibram, 2014.
- BECK, Ingrid. Manual de higienização e controle de pragas em acervos arquivísticos e bibliográficos. Brasília, DF: Ibram, 2014.
- ANDRADE, Sabrina Lessa de; SOUZA, Paula Mariana Salgueiro de. Pesquisa, isolamento e identificação de fungo anemófilos em restaurantes self-service do centro de Maceió/AL. In: Cadernos de Graduação – Ciências Biológicas e da Saúde, v. 1, n. 3, p. 147-154. Maceió: 2013.
- MACHADO, Laura Gomes. As características arquitetônicas dos edifícios de acervo: o espaço como fator determinante na preservação de acervos. Porto Alegre: UFRGS, 2012.
- OGDEN, Shereilyn; et al. Emergências com pragas em arquivos e bibliotecas. Rio de Janeiro: Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos, 2001. 2ª Ed.
- RIBEIRO, Evandro Leão. Fungos na biodeterioração de livros em ambientes bibliotecários nos últimos 35 anos (1977-2012). In: Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação. V.9, n.1, p. 17-27, jan./dez. São Paulo: 2013.
- SOBREIRA, Rosane Vieira. A relação do estado de conservação dos edifícios de arquivo com a preservação de acervos documentos. Revista Brasileira de Arqueometria, Restauração e Conservação, Vol. 3, 2011.
- SOUZA, Luiz Antônio Cruz. Conservação preventiva: controle ambiental. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- STRAUSZ, Maria Cristina. Análise de um acidente fúngico na Biblioteca Central de Manguinhos, um caso de síndrome do edifício doente. Dissertação na Escola Nacional de Saúde Pública, Julho de 2001.
- TREVISAN, Rosina. Patologias nas construções históricas. Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá, 2003.

MISSÕES POPULARES TEATRALIDADE E CONVERSÃO

Vanildo Luiz Zugno

Teólogo pela Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Pelotas, Mestre em Teologia pela Université Catholique de Lyon e Doutor em Teologia pelas Faculdades EST.



As Santas Missões Populares surgiram no contexto da Reforma da Igreja impulsionada pelo Concílio de Trento (1545-1563). Conforme o espírito tridentino, as missões populares tinham dois objetivos: trazer os hereges de volta ao seio da Igreja e animar os católicos desanimados, corrigindo àqueles que não viviam conforme as normas da Igreja. Para todos, a palavra chave é “conversão” como caminho para a salvação individual expresso no lema “Salva tua alma!”.

Os primeiros a se dedicaram a elas foram os jesuítas e os capuchinhos. Mais tarde, várias congregações surgiram com o objetivo específico das missões. Entre elas, os Lazaristas e os Redentoristas.

Para ser eficaz, o missionário devia ser um orador capaz de convencer as pessoas a mudarem de vida. A habilidade oratória era auxiliada pela temática abordada. Morte, juízo, inferno e paraíso eram descritos de modo a fazer os pecadores temerem, tremerem e se converterem. Blasfêmia, violência e luxúria eram os pecados que levavam ao inferno. Já o céu, era apresentado como o lugar do encontro com Deus, com os santos e com os anjos. Para nele chegar, o católico contava com um auxílio infalível: a Virgem Maria.

Em cada localidade os missionários permaneciam de nove a doze dias e sua presença alterava a rotina tornando-se um acontecimento único na vida das populações dispersas nas florestas, campos e beiras de rio. Mesmo sendo o conteúdo e o método construídos dentro do espírito da reforma, as missões

sintonizavam com dois elementos fundamentais da religiosidade popular: a expiação e a festa. Segundo Fragoso, durante a missão,

...não devia haver festividades “externas”, mas todo o ambiente das “santas missões” era como que uma festa “sagrada” [e] [...] se a temática das pregações carregava muitas vezes as tintas nos “castigos” de Deus, no entanto, isso era contrabalançado por esse caráter de “festa” sagrada. (FRAGOSO, 2008, p. 209).

No Rio Grande do Sul, a pregação de missões populares foi a primeira e principal atividade dos Frades Menores Capuchinhos da Saboia aqui chegados no ano de 1896. Instalados em Garibaldi, passaram a pregar nas localidades do interior da Paróquia e, pouco a pouco, expandiram sua missão em toda a Região Colonial Italiana e nos Campos de Cima da Serra.

Para dar uniformidade à atividade, os capuchinhos organizaram Regulamentos ou Diretórios para o uso dos missionários. Neles são descritos, nos mínimos detalhes, todos os passos da missão. Às 5 horas da manhã, enquanto um dos missionários, do alto do púlpito, dirige a oração da manhã seguida de um exame de consciência, os outros celebram a missa em voz baixa. Meia hora depois inicia-se a audiência de confissões

No Rio Grande do Sul, a pregação de missões populares foi a primeira e principal atividade dos Frades Menores Capuchinhos da Saboia aqui chegados no ano de 1896.

que se prolonga até às 9 horas quando tem lugar o principal exercício da manhã que é constituído por um novo exame de consciência, mais prolongado que o precedente e adaptado às necessidades da paróquia. Segue-se a celebração da missa presidida pelo pároco do lugar. A pregação é feita por um dos missionários. Durante a missa, exceto no momento da consagração, são alternados momentos de silêncio e cânticos penitenciais. No final da missa, o missionário prega novamente, de preferência sobre um tema relacionado à Paixão. Após a missa, novamente confissões. As atividades da tarde iniciam às 14 horas com a recitação do rosário seguida de catequese para as crianças. Em seguida é realizada uma “conferência com interlocutor” para os adultos e uma meditação final após a qual os missionários ficam novamente à disposição para confissões. (COGNIN, 1934, p.158-160).

A “conferência com interlocutor” tinha como objetivo criar, de forma teatral, o clima para o discurso apologético de modo que a temática exposta fosse facilmente compreensível para o comum do povo. Enquanto um missionário fazia o papel de defensor da fé, o outro, o interlocutor, assumia a tarefa de questionador. Para que o exercício não caísse no espetaculoso ou ridículo ou se tornasse embaraçoso para o pregador, algumas regras eram seguidas:

A) O pregador da conferência deve, após o exórdio, anunciar a tese e convidar o interlocutor a apresentar suas objeções. Ele as refuta com uma argumentação clara, calma e vigorosa, em um tom seguro que exclui qualquer sombra de hesitação. Não se passa a outra ob-

jeção antes de refutar a precedente de uma forma absolutamente vitoriosa. Ele conclui com uma peroração plena de força e de unção.

B) O interlocutor deve: 1º jamais afetar um tom zombeteiro de cinismo ou de incredulidade; 2º manter-se como digno ministro de Jesus Cristo perguntando com simplicidade e seriedade uma resposta às dificuldades do povo e um remédio para suas dúvidas; 3º jamais propor outras objeções que as concertadas com o pregador; 4º não falar mais do que o necessário para dar variedade e motivação à instrução; 5º recapitular brevemente as respostas dadas, confessando que foram entendidas e que são verdadeiras; 6º apresentar suas questões com clareza e concisão, temperando-as com o sal da sabedoria e lhes dando uma forma viva, mas respeitosa do decoro. Ele evitará provocar risos excessivos e inconvenientes ao seu caráter de ministro de J.C. e ao lugar santo. (DIREC-TOIRE des missions..., [1919?], p. 17-18).

As conferências com interlocutor eram realizadas duas vezes por semana. Caso o diretor da missão considerasse útil, o número podia ser ampliado.

Na missão realizada na Linha Azevedo de Castro, no Município de Garibaldi, no ano de 1907, os Freis Fidèle de La Motte Servolex e Victorin de La Ravoire, realizaram, na tarde da sexta-feira, uma “conferência contraditória” que é assim descrita por Catelan:

Pela tarde, às três horas, um presente lhes foi dado: uma conferência contraditória, coisa efetivamente nova no lugar. “Isso vai ser interessante: os missionários vão realizar uma disputa. Um representará o bom Deus! Qual dos dois? E o outro... o diabo! Quem ganhará?” Eis as observações que tomavam conta das conversas entre os homens na praça antes do exercício, enquanto que as mulheres na igreja rezavam pelo triunfo da boa causa. Finalmente, começou; todos estão de pé, silenciosos; o voo de uma mosca seria escutado. Depois de algumas palavras, o Pe. Fidèle convida o Pe. Victorin para expor as objeções que são feitas contra a necessidade de fugir às ocasiões de pecado. Durante uma hora e meia, sem que os ouvintes se cansassem, o representante do bom Deus pulverizava, queimava todas as objeções apresentadas pelo adversário de ocasião e, no fim, vendo triunfar assim a verdade, sentia-se pena que a cena tivesse sido tão curta. (CATELAN, 1907, p. 277).



Encerramento de Missão em 24 de novembro de 1940, em Lagoa Vermelha/RS. Ao centro está o Dom Frei Cândido Bampi, Bispo de Vacaria

Para quebrar o ritmo das missões que podiam se prolongar por até quarenta dias, eram realizados quatro exercícios extraordinários revestidos de caráter solene e teatral: 1) Consagração à Santa Virgem pelo bom êxito da missão; 2) Perdão Honorável pelas ofensas cometidas contra Jesus Eucarístico; 3) Comemoração dos Mortos da Paróquia; 4) Renovação das Promessas do Batismo.

A mais marcante era a terceira, a Comemoração dos Mortos da Paróquia, realizada na terceira semana da missão e assim descrita por Frei Jean de Cognin:

Um cadafalso é erguido no meio da igreja. Na hora normal, missa solene pelos mortos da paróquia. Depois do Evangelho, canta-se o cântico: No fundo das almas ardentes!, seguido de sermão sobre o purgatório. No fim da missa, silêncio absoluto e,

se possível, procissão até o cemitério; no cemitério, nova pregação substancial, curta, piedosa e muito emocionante, indicada para o lugar e as circunstâncias. O missionário termina pela recitação em voz alta de um Pater e de uma Ave pelas almas do purgatório e sai-se silenciosamente do cemitério. (COGNIN, 1934, p. 161-162).

A teatralidade também estava presente na cerimônia de encerramento da missão com o levantamento da cruz em frente à igreja. A cruz devia lembrar aos participantes e a todos os que no futuro ali passassem, os compromissos assumidos.

A instalação da cruz era organizada de modo a ficar marcada na memória:

No dia seguinte, domingo, a missão devia já ter-



Missão realizada em Sananduva/RS, em 1942

minar, e com uma solenidade excepcional. [...] Às 10 horas, os sinos anunciam a missa solene. A cruz da missão está já levantada na igreja, enfeitada com guirlandas; diante dela tomam lugar, o peito estrelado de fitas e orgulhosos de seu trabalho, vinte e quatro jovens que deverão levar a cruz em procissão. Depois da bênção litúrgica da cruz, na saída da missa, a procissão avança ao som de hinos e cânticos, serpenteando através da pequena colina no meio da qual está assentada a igreja, enquanto que os fogos de artifício e os carrilhões dos sinos rivalizam com os cantos, o cortejo chega e se agrupa ao redor do local reservado para a cruz; esta, por sua vez, aparece sobre as alegres espaldas dos jovens e, num instante, é levantada e plantada. Ela permanecerá como símbolo da união dos corações, e como uma

lembrança perpétua das abundantes graças da missão. É o que Pe. Fidèle explicou eloquentemente no próprio lugar, depois de ter contado as espantosas vitórias da cruz através dos séculos. A tríplice aclamação: *evviva la croce!*, respondeu ao discurso, depois o cortejo retornou para voltar a entrar na igreja e assistir ao sermão de clausura. Depois da bênção papal e do *Te Deum*, as pessoas partiam saudando novamente a Santa Virgem com o cântico da *Ave Maria*. (CATELAN, 1907, p. 278).

Fazendo referência à Bíblia, ao livro de Josué 4,21 em que Moisés, chamando doze homens do povo de Israel, construiu um monumento com doze pedras para lembrar a entrada na Terra Prometida, Frei Bernardin D'Apremont assim explica o sentido da cruz erguida no final da missão:

Assim nós inauguramos este monumento para perpétua memória da grande graça dada por Deus nestes dias. E quando vossos filhos e netos, quando as futuras gerações vos perguntarem “ad quid lapides istae?” – vós respondereis: para recordar os grandes benefícios que Deus nos fez e o amor que nos deu. Esta cruz sugerirá ao passante muitos bons pensamentos, provará ao passante que aqui também se ama ao senhor, também aqui muitas boas almas sabem entender e abraçar a cruz, a amiga dos pobres; que Cristo aqui reina soberano. Esta cruz lembrará ainda aos passantes o amor infinito de Deus. Deixamos aqui a cruz para que continue nossa obra, para que chame o pecador obstinado à penitência, para que possa recordar-lhe o amor, a bondade e a misericórdia de Deus. A cruz é nossa fiel companheira. Não só na vida, mas também na morte. No momento da morte e nos perigos. (D’APREMONT, 1914).

Desse modo, ao lado da dimensão penitencial representada pela confissão à qual todos eram instados a participar, também se fazia presente a dimensão festiva da missão, como o reconhece o próprio Frei Bruno de Gillonnay: “Quando nós estamos num lugar, todos os trabalhos param, é uma festa que dura toda a nossa presença.” (GILLONNAY, 1900, p. 208). Com isso, alcançava-se o objetivo da missão através dos dois elementos fundamentais: expiação e festa.

REFERÊNCIAS

- CATELAN, Angelo. Une mission (suíte). Le Rosier de Saint François, Chambéry, VIII Année, n° 9, p. 276-278, septembre 1907.
- COGNIN, Jean de. Les capucins en Savoie. Chambéry: Le Rosier de Saint François, 1934.
- D’APREMONT, Bernardin. Soggetti e abbozzi di predicche. [manuscrito] Roma, 1914. MUSCAP/AD/Bernardin d’Apremont.
- DIRECTOIRE des missions prêchées par les Frères Mineurs Capucins de la Province de N. D. des 7 Douleurs. [s.l]:[s.n.], [1919?], p. 4.
- FRAGOSO, Hugo. A Igreja na formação do Estado liberal (1840-1875). In: HAUCK, João Fagundes. História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: segunda época, século XIX. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p.141-322.
- GILLONNAY, Bruno de. Mission des FF.-Mineurs Capucins de Savoie au Brésil. Le Rosier de Saint François, Chambéry, I Anée, n° 5, p. 142-145, mai 1900.

Encerramento da Primeira Missão realizada na Linha 15 de Novembro, em Casca/RS, de 7 a 15 de dezembro de 1945. Ao centro está o Frei Floriano Skowronski, missionário Capuchinho



PRESERVAÇÃO DE ACERVOS TÊXTEIS*

O RESTAURO DO SOLIDÉU DE DOM FREI CÂNDIDO MARIA BAMPI



Chanaísa Melo

Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas, Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande e Tecnóloga em Conservação e Restauro pelo Centro Universitário da Serra Gaúcha

Ao falarmos sobre a conservação e o restauro de artefatos têxteis, estaremos tratando de uma área muito ampla, a qual começa a ser refletida a partir da década de 1960, através dos estudos publicados por James Rice do Museu de Têxteis - Washington, da apresentação do trabalho de sistematização da terminologia têxtil por Dorothy Burnham e o Museu Real de Ontário do Canadá, juntamente com os membros do Centro Internacional para o Estudo dos Têxteis Antigos (C.I.E.T.A) da França e a criação da Fundação Abegg - Suíça em 1967, com ações de curadoria que sistematizaram e divulgaram a tradição escandinava, alemã e leste-europeia na conservação de têxteis históricos. (PAULA, 1994, p. 302)

No entanto, a caracterização definitiva da sistematização sobre o conhecimento nessa área ocorreu na década de 1970, por meio da reestruturação de ações nos grandes museus internacionais e da preocupação com a formação de um novo perfil profissional. Destacam-se nesse período a publicação de dois relevantes manuais voltados somente para a conservação de têxteis, o *Textile Conservation* de Jentina Leene (1972) e *The Care & Preservation of Textile* de Karen Finch e G. Putnam (1977).

De características bastante diversas, ambos marcarão, definitivamente, os trabalhos des-

sa especialidade da conservação: o primeiro, evidenciando, qualitativa e quantitativamente a existência da área; o segundo, introduzindo idéias e propostas de ética e prática diferenciadas. O trabalho coordenado por Jentina Leene, ao reunir artigos dos principais centros e profissionais especializados na área têxtil, unificou, pela primeira vez, o repertório específico das práticas e abordagens vigentes.

The Care & Preservation of Textiles é publicado dois anos após o início dos trabalhos de Karen Finch no Victoria & Albert Museum, Londres, e da fundação, por ela, do The Textile Conservation Centre, marcando o início do trabalho de formação acadêmica de profissionais conservadores naquele país. (PAULA, 1994, p. 302 e 303)

Ressalta-se também, a publicação do texto *Preservation of paper and textiles of historic and artistic value* em 1977, por Nobuko Kajitani, ex-conservadora chefe de têxteis do Museu Metropolitano de Arte de Nova York, o qual contribuiu a nível mundial para a discussão teórica e metodológica das atividades de preservação de acervos têxteis. Com isso, o número de publicações, manuais e encontros temáticos tornaram-se crescentes, redefinindo a teorização, os métodos de abordagem e os conhecimentos técnicos, voltados desde o século XIX para as áreas de conservação e restauro de monumentos arquitetônicos e pinturas.

*Pesquisa realizada em 2018, na disciplina de Projeto Interdisciplinar em Conservação e Restauro do Centro Universitário da Serra Gaúcha. Orientadoras: Professora Dra. Carla Renata Gomes e Professora Ma. Juliane Petry Panozzo Cescon

Um objeto têxtil parecia, até então, ser pensado apenas em sua tridimensionalidade, enquanto escultura, construção, cujas partes e eventuais grafismos precisavam, sempre, ser restaurados e entendidos tais quais. Sua especificidade era apenas de ordem físico-química e seguiria, portanto, os mesmos sistemas de abordagem vigentes, institucionalmente, para todas as tipologias de objetos. (PAULA, 1994, p. 302)

De acordo ainda com Teresa Cristina Toledo de Paula (1998), os autores citados acima, entre outros pesquisadores da área, através de suas atuações em centros de formação e grandes museus internacionais, formalizaram a área têxtil e suas especificidades para preservação, em pouco mais de dez anos no contexto mundial.

Em relação a preservação de têxteis no Brasil, foi na década de 1980 que ocorreram cursos introdutórios no CETIQIT (Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têxtil – SENAI), no Rio de Janeiro, com a presença de profissionais estrangeiros. Já as primeiras instituições museológicas a trabalharem com acervos têxteis, de maneira diferenciada, foram o Museu Histórico Nacional e o Museu da República, porém ambas não seguiam os padrões recomendados internacionalmente.

Desde então, os estudos relativos aos têxteis tornaram-se crescentes, isso, devido ao grande número de artefatos encontrados nas instituições museais como: vestimentas, bordados, tapeçarias, entre outras peças criadas com diferentes materiais e que incluem tecidos.

O Museu dos Capuchinhos (MusCap), localizado em Caxias do Sul – RS, possui um variado acervo museológico, incluindo peças têxteis como os paramentos litúrgicos.

Os paramentos litúrgicos católicos são caracterizados por uma grande simbologia, representada na diversidade das vestes e ornamentos utilizados nos cultos religiosos, os quais possibilitam o estudo e o entendimento da construção identitária deste grupo social.

Desta forma, visando à preservação da história dos Frades Capuchinhos, foram realizados, em 2018, procedimentos para a conservação e o restauro do solidéu que pertenceu ao Dom Frei Cândido Maria Bampi, primeiro bispo Capuchinho da Província do Rio Grande do Sul.

Dom Frei Cândido nasceu no município de Caxias do Sul/RS, no dia 26 de janeiro de 1889, e recebeu o nome de Júlio. Em 1900, ingressou na escola

vocacional da Missão Capuchinha em Garibaldi/RS, dando continuidade a seus estudos em Veranópolis/RS.

Posteriormente, realizou o noviciado e os estudos de Filosofia em Flores da Cunha/RS e de Teologia em Garibaldi/RS. Foi ordenado por Dom Matteo Felipelli a presbítero e ordenado por Dom João Becker a bispo.

Entre os anos de 1914 a 1919, doutorou-se em Direito Canônico pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. No mesmo período ordenou-se presbítero na Itália. Em 1919, regressou para o Brasil.

Na cidade de Garibaldi/RS, lecionou Teologia Dogmática e Direito Canônico nos anos de 1921 a 1924 no Convento São Francisco de Assis, bem como, exerceu o ministério pastoral em Carlos Barbosa/RS. Também foi comissário provincial dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul de 1927 a 1933.

Além disso, foi bispo titular da antiga diocese de Tlós, destruída pelos muçulmanos na Ásia. E em 04 de novembro de 1936, assumiu como bispo a Prelazia de Vacaria/RS, criada em 8 de setembro de 1934, onde permaneceu por 21 anos. Após, em 09 de abril de 1957, tornou-se bispo auxiliar da Diocese de Caxias do Sul/RS.

No ano de 1976, devido a problemas de saúde, Dom Cândido deixou os encargos episcopais, recolhendo-se ao Convento Imaculada Conceição em Caxias do Sul/RS, onde veio a falecer em 7 de julho de 1978.

Após seu falecimento, os objetos de uso pessoal foram levados para a Cúria Provincial, permanecendo nesse local juntamente com acervos de outros frades até serem entregues ao Museu dos Capuchinhos após o ano de 2000.

Desde então, o solidéu ficou guardado em um dos armários do museu, sendo realizada somente em 2017 a catalogação, os procedimentos de higienização mecânica com pincel, o acondicionamento em TNT branco e caixa plástica de políonda.

No intuito de estabilizar e melhorar o estado de conservação do solidéu, foi feito em 2018, o restauro do mesmo. Para isso, foram seguidos os conceitos de conservação e restauro tratados por Brandi (2004, p. 10 e 11), em que o próprio restauro deve articular o seu conceito pelo fato da obra de arte conduzir a restauração a partir de suas necessidades, respeitando a materialidade e a história do artefato. Além de leituras específicas sobre a temática e das orientações dadas pela



Lembrança do Santo Retiro pregado por Dom Frei Cândido Maria Bampi em 1º de agosto de 1942, Vila Esmeralda

professora conservadora – restauradora Juliana P. P. Cescon do Centro Universitário da Serra Gaúcha (FSG – Caxias do Sul/RS).

Inicialmente, o solidéu foi um paramento utilizado para a proteção da parte tonsurada da cabeça, mantendo-a aquecida em igrejas úmidas ou frias. Todos os membros ordenados da Igreja Católica podem usá-lo, referenciando assim, a posição hierárquica dos mesmos através das cores litúrgicas: Papa – branco, Cardeais – vermelho, Bispos e Arcebispos – violáceo, Padres e Diáconos – preto e Frades – marrom.

O solidéu que pertenceu ao Dom Frei Cândido Maria Bampi, foi confeccionado com tafetá na cor roxa e forrado com tecido de algodão na cor vermelha. É composto por oito panos triangulares unidos e no topo possui um pequeno tufo de fios de algodão na cor bordô. Por estar bem danificado, aparecia entre os dois tecidos uma tela na cor preta, de acordo com a descrição da ficha catalográfica.

Além disso, dentre as patologias diagnosticadas na parte externa, destacaram-se: a alteração da cor do tecido, sujidades, rasgos, ataque de traças, fungos, desgastes pelo uso, ressecamento e retração do tecido, deformidades pelo modo como foi armazenado e ação do tempo e partes faltantes.

No centro do solidéu há fios de algodão, os quais apresentavam alteração da cor, sujidades e rompimento em um dos fios.

Na parte interna, observou-se que o tecido de algodão na cor vermelha estava desbotado,

apresentando somente sujidades e retração.

A partir da identificação das patologias encontradas no solidéu, os seguintes procedimentos de restauro foram realizados:

- Higienização mecânica com auxílio de pincel macio somente nas partes menos fragilizadas.
- Higienização aquosa apenas no tecido que recobre a parte externa do solidéu.
- Planificação para desamassar o tecido e dar formato.
- Reparos no rompimento dos fios da tela preta, localizada entre o tecido externo e interno.
- Preenchimento das lacunas, partes em que o solidéu perdeu o tecido original.
- Colocação de tule para proteção.
- Confeção do suporte e caixa para a guarda e acondicionamento do solidéu.

Todas as etapas de intervenção foram registradas fotograficamente e documentadas para que se possa dar continuidade a manutenção do solidéu, bem como auxiliar na preservação do acervo têxtil existente no MusCap.



Solidéu antes dos procedimentos de intervenção para o seu restauro



Parte interna do solidéu, confeccionada com tecido de algodão



Solidéu após a higienização aquosa



Processo de planificação do solidéu



Preenchimento das lacunas



Acondicionamento do solidéu

Os paramentos litúrgicos católicos são caracterizados por uma grande simbologia, representada na diversidade das vestes e ornamentos utilizados nos cultos religiosos.

REFERÊNCIAS

BRANDI, Cesare. Teoria da Restauração. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

COSTA, Rovílio; BONI, Luis A. de. Os Capuchinhos do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: EST Edições, 1996.

GARDELIN, Mário; STAWINSKI, Alberto Victor. Capuchinhos Italianos e Franceses no Brasil. Caxias do Sul: EST/EDUCS, 1986.

OLIVEIRA, Ludmilla Silva de. Os Elementos Artísticos Simbólicos e Visuais dos Paramentos Litúrgicos. Disponível em: <<https://www2.pucpr.br/reol/index.php/5anptecre?dd1=15378&dd2=7765&dd3..>>. Acesso em: 05 abr. 2018.

PAULA, Teresa Cristina Toledo de. Conservação de Têxteis Históricos: uma Bibliografia introdutória. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v2n1/a16v2n1.pdf>>. Acesso em 10 abr. 2018.

_____. Inventando Moda e costurando história: pensando a conservação de têxteis no Museu Paulista/USP. 1998. Dissertação (Mestre em Ciências). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1998. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-08082001-105338/.../mes-trado.pdf>. Acesso em 10 abr. 2018.

PAX ET BONUM. Órgão Oficial da Província Sagrado Coração de Jesus Freis Capuchinhos do Rio Grande do Sul. 13ª ed. Caxias do Sul: Editora São Miguel, 2011.

ROWER, Frei Basílio. Dicionário Litúrgico. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1947.

VIANA, Fausto; NEIRA, Luz Garcia. Princípios gerais de conservação têxtil. Disponível em: <www.usp.br/cpc/v1/imagem/conteudo_revista_conservacao...pdf/09_10r18.pdf>. Acesso em 10 abr. 2018.

MÚSICA É TEMA DE EXPOSIÇÃO NO MUSEU DOS CAPUCHINHOS

MOSTRA RETRATOU A JORNADA MUSICAL DOS FRADES

A música é um elemento essencial na história dos Frades Capuchinhos da Província do Rio Grande do Sul. Dessa forma, com um grande acervo sobre essa temática, o Museu dos Capuchinhos (MusCap) promoveu, de novembro de 2018 a setembro de 2019, a exposição “*Laudato Sii... assim cantam os Capuchinhos*”. A mostra, que foi organizada pelos pesquisadores Lucas Troglio e Susiele Alves Ramos, contou com a visita de aproximadamente 4 mil pessoas. Além disso, foram realizadas diversas atividades alusivas, como visitas guiadas, bate-papos e oficinas.

A exposição contou com documentos, fotografias, partituras, instrumentos musicais e entrevistas em audiovisual que retratam a história dos Frades com a música. Antigamente, para se formar padre, era necessário ser uma pessoa de alta cultura. Dessa forma, os Frades aprendiam a teoria musical, música clássica, canto gregoriano, que eram utilizados na liturgia.

Vale ressaltar que a tradição musical dos Capuchinhos vem dos Frades franceses que em 1896 vieram para o Brasil. Um dos destaques foi o Frei Exupério de La Compôte, lembrado até hoje por seus confrades pelas composições de música sacra. Ele atuou na formação musical dos seminaristas e das comunidades religiosas, formou corais em diversas cidades do Rio Grande do Sul. Compôs o livro de músicas religiosas populares “*Cantai ao Senhor*” que ainda hoje é referência.

A historiadora Susiele Alves Ramos relatou que a mostra foi um sucesso. Além disso, ressaltou que a realização da pesquisa contou com a ajuda de vários Frades Capuchinhos. “Lucas e eu realizamos diversas entrevistas com os Frades que, prontamente, nos auxiliaram a contar a história

da música na Ordem Capuchinha por meio desta exposição”, salientou. Foram entrevistados os seguintes frades: Admir Benetti, Agenor Bortolon, Armindo Festa, Carlos Raimundo Rothenbach, Cristian Martins Almeida, Eusídio Félix Deon, Germano Miorando, Isaías Borghetti, Jenésio Pereira da Silva, Laércio Duminelli da Luz, Luiz Carlos Susin, Luiz Sebastião Turra, Protásio Ferronato e ex-frei Gil de Roca Sales.

Segundo o Frei Isaías Borghetti, que integrou o coral “Os Capuchinhos”, a música sempre foi um ponto de grande importância na vida da Ordem Capuchinha. Ele recorda que as décadas de 50 e 60 foram épocas douradas para a música. “Havia muitos grupos musicais que participavam de diversos eventos nas comunidades. Inclusive, um desses corais se fez presente em uma gravadora de São Paulo para a gravação de um LP. Assim, os Capuchinhos ganharam destaque no Brasil inteiro”, afirmou.

A tradição musical dos Capuchinhos vem dos Frades franceses que em 1896 vieram para o Brasil. Um dos destaques foi o Frei Exupério de La Compôte, lembrado até hoje por seus confrades pelas composições de música sacra.

Dialogarte

O Dialogarte é um evento que possui marca registrada no MusCap, ele ocorre anualmente e reúne especialistas, artistas, educadores e teóricos para troca de ideias sobre assuntos relacionados a arte.

Como programação alusiva a exposição “*Laudato Sii...* assim cantam os Capuchinhos”, a temática do Dialogarte foi “Música, trajetória e educação”, com a presença dos palestrantes: Doutor Frei Luiz Carlos Susin e Doutora Neiva Senaide Petry Panozzo. Participaram da ação, professores, historiadores, músicos e público em geral.



De cima para baixo:

Participantes da APADEV conhecendo os instrumentos musicais por meio do toque

Estudantes da Escola Dezenove de Abril durante visita ao MusCap, sob orientação do diretor do MusCap, Frei Celso Bordignon

APADEV

Uma das atividades realizadas foi a visita guiada do grupo de estudantes da APADEV – Associação dos Pais e Amigos dos Deficientes Visuais de Caxias do Sul. A ação que foi acompanhada pela educadora social responsável pelas aulas de Braille e adaptação de materiais acessíveis da APADEV, Júlia Corso Speggorin, ocorreu em dezembro de 2018.

Na ação, os presentes puderam realizar experiências táteis com alguns objetos que compõem o Acervo do Museu dos Capuchinhos. Após, os integrantes da APADEV participaram de um bate-papo com o produtor musical, Cristiano Scheifler. O músico abordou temáticas, como a importância da música, sua carreira, além de apresentar instrumentos de sopros (trompete, flugelhorn, barítono, sax, trombone) aos participantes.

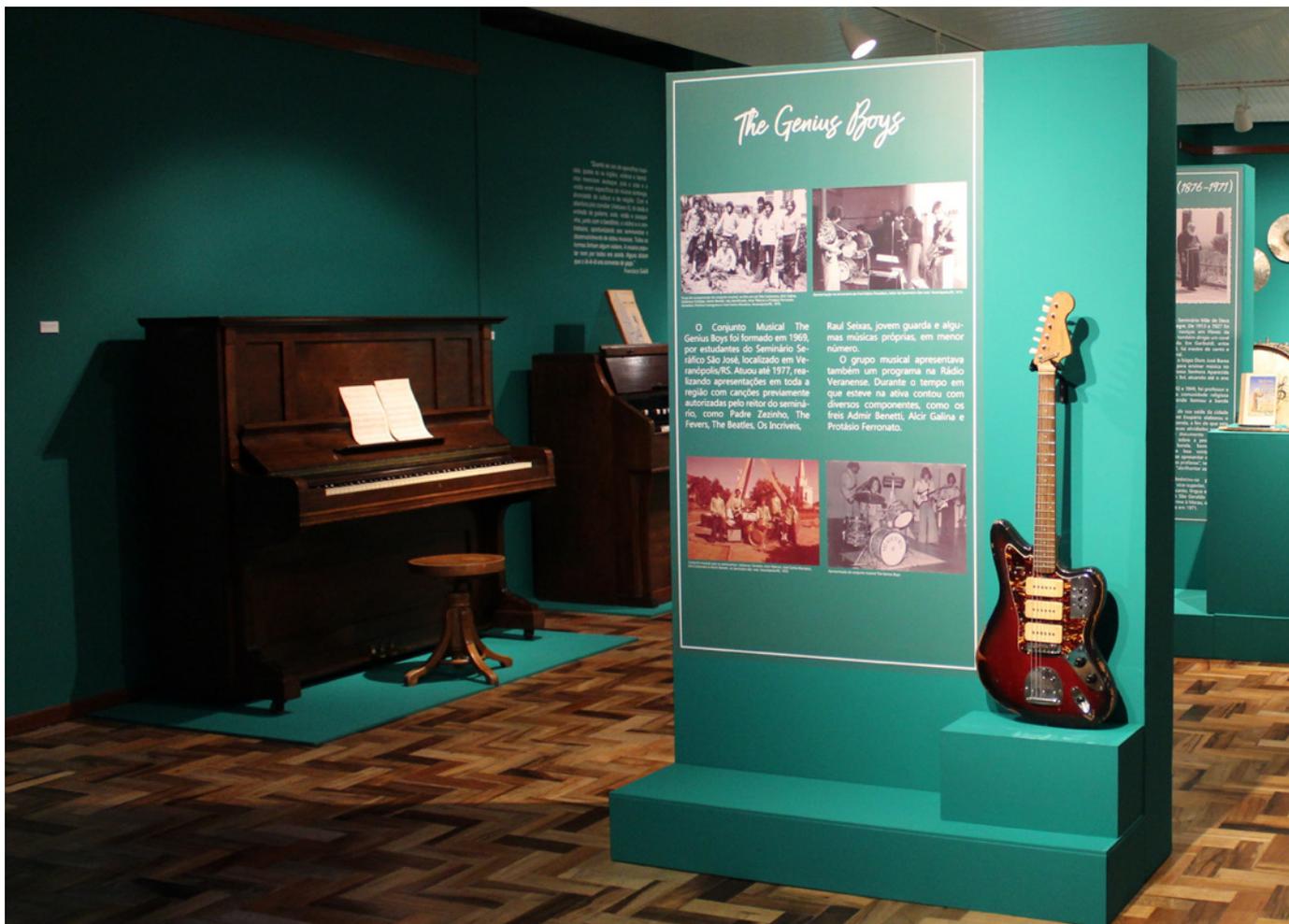
De acordo com Cristiano a realização de atividades como essa, promovem aprendizados de ambas as partes. “Os participantes com baixa visão e a falta de percepção visual sentiram a vibração dos sons, puderam vivenciar sentimentos que a música traz na vida das pessoas”, afirmou.

A educadora social Júlia Corso Speggorin contou que a visita foi muito produtiva, tanto para os alunos, quanto para os funcionários da Instituição. “Foi muito bacana quando os nossos estudantes puderam tocar em alguns instrumentos, possibilitando-os conhecerem cada um deles por meio do toque. Um momento de descoberta quanto aos instrumentos e sua história, estimulando a percepção, sanando a curiosidade e despertando o interesse de buscar o conhecimento tanto relacionado a música como nas demais áreas”, salientou.

Escola Dezenove de Abril

A Escola Municipal Dezenove de Abril foi uma das Instituições de Ensino de Caxias do Sul que visitou a mostra. Os estudantes foram acompanhados pelo professor de História e Ensino Religioso, Lucas Troglio e pela professora de Matemática e Ciências, Paula Hoffmann.

Durante a visita, os alunos conheceram a exposição, bem como ouviram explicações sobre o trabalho de preservação dos acervos do museu no Laboratório de Conservação e Restauro. Após, tiveram a oportunidade de visitar o Atelier São Lucas. No local, o diretor do MusCap, Frei Celso Bordignon realizou um ba-



te-papo sobre arte na Idade Média e ícones. Ele demonstrou a maneira como um iconógrafo realiza a transcrição das imagens, tipos de tintas utilizadas, pigmentos e demais materiais.

Para finalizar a visita, os estudantes conheceram a biblioteca do MusCap e puderam sanar dúvidas acerca do acervo da Instituição.

Catequese da Paróquia Imaculada Conceição

Em agosto de 2019, o Museu dos Capuchinhos também recebeu a visita das turmas de Iniciação e Eucaristia da Paróquia Imaculada Conceição, localizada no bairro Rio Branco em Caxias do Sul/RS. A ação foi acompanhada pela coordenadora da Catequese, Irmã Isabel Breda, além das catequistas da comunidade.

As turmas passaram pela exposição em cartaz, visitaram o Laboratório de Conservação e Restauro e o Atelier São Lucas.

Ação na Casa de Saúde São Frei Pio

No mês de setembro a equipe do MusCap, programou uma ação junto aos frades residentes na Casa de Saúde São Frei Pio, em Caxias do Sul/RS. Com o objetivo de integrar e apresentar o trabalho de preservação da História dos Capuchinhos, desenvolvido pelo museu. Neste encontro o tema foi relacionado à exposição “*Laudato Sii...* assim cantam os Capuchinhos”, onde Frei Raphäel Djhon fez uma apresentação musical.

Visite o MusCap

O Museu abre de segunda à sexta, das 8h às 11h30 e das 13h30 às 17h. Agendamento para grupos e visitas em horário especial através do e-mail educativo@muscap.org.br ou pelo telefone (54) 3220.9565.



À direita, de cima para baixo:

Diretor do MusCap, Frei Celso Bordignon acompanhado pelos Freis Affonso Costella e Isaías Borghetti durante a abertura da exposição

Turmas de Iniciação e Eucaristia da Paróquia Imaculada Conceição em visita à exposição

Grupo de postulantes Capuchinhos em apresentação musical na abertura da mostra



ANA VIRGINIA PINHEIRO

BIBLIOTECÁRIA CHEFE DA DIVISÃO E CURADORA DE OBRAS RARAS NA BIBLIOTECA NACIONAL

Sou Bibliotecária da Biblioteca Nacional Brasileira (BN) desde 1982, e Professora Adjunta da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) desde 1987. Chefo a Divisão de Obras Raras desde 2004, e sou Curadora de Livros Raros na Biblioteca Nacional. Leciono as disciplinas História do Livro e das Bibliotecas I e II, no Bacharelado; e Tópicos Especiais/Biblioteconomia de Livros Raros, no Mestrado Profissional da UNIRIO. Fiz Especialização em Administração de Projetos Culturais (FGV/EIAP); em Análise e Descrição da Informação (UNIRIO); e Mestrado em Administração Pública (FGV/EBAPE). Sou membro do Grupo de Estudos Interdisciplinares da Raridade Bibliográfica (GEIRD/Bahia); do Grupo de Pesquisa em Crítica Textual da Biblioteca Nacional; e de grupos de pesquisa na UNIRIO que promovem, inclusive, eventos científicos sobre livros raros. Desde que comecei a trabalhar com livros raros, em 1982, desenvolvo, publico e compartilho estudos sobre Formação e Gestão de Coleções Bibliográficas Especiais, Raridade Bibliográfica (desenvolvi um modelo para o estabelecimento de critérios de raridade em bibliotecas brasileiras, premiado pelo Instituto Nacional do Livro) e Biblioteconomia de Livros Raros, com ênfase na catalogação e na avaliação intelectual e patrimonial de livros e bibliotecas. Integro o Comitê Nacional do Brasil do Programa Memória do Mundo da Unesco (MoWBrasil), como representante da Biblioteca Nacional.



Foto: João Cândido

1. Como surgiu o seu interesse pela Biblioteconomia no geral e especificamente pela Biblioteconomia de Obras Raras?

Desde criança, eu frequentava a biblioteca da Escola Pública onde estudei, nos anos de 1960. A leitura era meu escape da pobreza, da falta de acesso ao conhecimento e à cultura erudita. Através dos livros, fui a lugares, apreendi ideias e conheci coisas que, atualmente, tenho a oportunidade de vivenciar. A Biblioteconomia foi e é, para mim, um caminho para uma riqueza sem medida que é o saber. Colei grau em 1978, na mesma Escola de Biblioteconomia

em que, hoje, leciono. A Biblioteconomia de Livros Raros entrou na minha vida em 1982, quando comecei a trabalhar na Biblioteca Nacional, como catalogadora de livros raros. A catalogação pressupõe a pesquisa bibliográfica, a descoberta da história de autores e livros e de práticas biblioteconômicas, de impressores e papeleiros, do desenho do tipo, da gravura como complemento do texto, da leitura das “cicatrices” deixadas nos livros ao longo do tempo (ex libris, ex donos, anotações, carimbos)... A catalogação de livros raros, uma descrição literária e material necessariamente minuciosa, é uma viagem na história da evolução do livro, da biblioteca, do homem. Fui enlaçada pelo poder conferido pelo saber e, a cada dia, sou uma Bibliotecária melhor.

A catalogação pressupõe a pesquisa bibliográfica, a descoberta da história de autores e livros e de práticas biblioteconômicas, de impressores e papeleiros, do desenho do tipo, da gravura como complemento do texto, da leitura das “cicatrices” deixadas nos livros ao longo do tempo (ex libris, ex donos, anotações, carimbos)... A catalogação de livros raros, uma descrição literária e material necessariamente minuciosa, é uma viagem na história da evolução do livro, da biblioteca, do homem.

2. Quais são os critérios para definir uma obra rara?

Um dos produtos de um curso de Especialização foi uma pesquisa que desenvolvi e que se concluiu como uma proposta de metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica, publicada em 1989, sob o título “Que é livro raro” e distribuída a todas as bibliotecas públicas do país, pelo então Instituto Nacional do Livro, que premiou a pesquisa. Trabalhando com livros raros na Biblioteca Nacional, desde 1982, verifiquei que os critérios adotados pela BN não se aplicavam inteiramente a outras bibliotecas, em face do volume (mais de dois quilômetros de itens) e da extensão cronológica de publicações preservadas na BN (impressos desde o século XV) e das políticas de guarda praticadas; mesmo assim, bibliotecários de todo o país recorriam à BN em busca de critérios que pudessem adequar ou copiar, muitas vezes, sem relevar a factibilidade desses critérios à luz do desenvolvimento das bibliotecas que gerenciavam. Então, percebi a necessidade de responder a essas demandas com informações sobre como delinear critérios próprios. Através de pesquisa bibliográfica e de boas práticas, propus um confronto entre os conceitos de livro antigo e uma classificação de critérios que considerasse cinco abordagens, a partir do exame do livro: 1 limite histórico, 2 aspectos bibliológicos (materialidade), 3 valor cultural, 4 pesquisa bibliográfica, e 5 características do exemplar. Tudo isso, a partir de três abordagens fundamentais: do curador da coleção (o Bibliotecário, aquele que conhece Bibliografia literária e Bibliografia material), do “dono” do item (a instituição de guarda, aquele que estatui e rege as políticas institucionais) e do usuário (o Leitor, aquele que conhece o conteúdo dos livros).

3. Como se define o processo de preservação de obras raras, critérios de conservação e restauro?

A preservação de livros raros, impressos desde o advento da tipografia no século XV, envolve “escolhas de Sofia” – uma injusta seleção para definir quais os livros que serão salvos – o tempo, a falta de recursos e de educação patri-

monial são os grandes empecilhos para a preservação de livros antigos e raros. Bibliotecas brasileiras guardam patrimônios bibliográficos que foram impressos para circular no hemisfério norte e que, graças a evolução cultural do mundo, foram trazidos para o hemisfério sul. As diferenças climáticas associadas aos materiais utilizados, peculiares de determinadas regiões, e ao “iter” dos exemplares (os caminhos percorridos individualmente por cada volume), além da condição natural de envelhecimento do livro, como matéria orgânica e viva, colocam os curadores de coleções numa luta ininterrupta para promover a longevidade dos registros do conhecimento, impressos sobre papéis de trapo e de polpa ou casca de madeira. O lidar com livros raros assemelha-se aos cuidados que uma mãe tem com seus filhos, empenhando-se para que sejam úteis e saudáveis, para que tenham vida longa e que deixem boa memória; é um cuidado ininterrupto para que seus “filhos” compartilhem os conhecimentos que acumulam, criando condições para que esses conhecimentos alcancem outras pessoas, ou multiplicando-os para que alcancem outras gerações. Nesse contexto, a missão do curador é promover a existência do livro no formato mais próximo de sua condição original, íntegro, evitando qualquer intervenção desnecessária ou exclusivamente estética, por exemplo, através do restauro. O objetivo da restauração do livro raro, quando imprescindível e mediante análise de custo e benefício, e de perdas e danos, é atribuir-lhe, novamente, condições de manuse-

abilidade. Essas abordagens do livro, do sentido do restauro, de ações de conservação, que decorrem e culminam em políticas de preservação dependem de firme educação patrimonial de curadores, usuários, e todas as pessoas que, de alguma forma, estejam envolvidas com o lugar de vida (de guarda, trânsito e acesso) do livro raro.

O lidar com livros raros assemelha-se aos cuidados que uma mãe tem com seus filhos, empenhando-se para que sejam úteis e saudáveis, para que tenham vida longa e que deixem boa memória; é um cuidado ininterrupto para que seus “filhos” compartilhem os conhecimentos que acumulam.

4. Em sua opinião, o que poderia ser feito para que a sociedade possa conhecer e valorizar os diversos acervos de obras raras existentes em diversas instituições do Brasil?

A educação patrimonial, especialmente a referente a livros raros, pressupõe o conhecimento dos livros tanto sob o ponto de vista literário quanto material. Não é possível difundir alguma coisa de que pouco se conhece. E a difusão dos conteúdos das coleções de raridades que compõem os acervos de bibliotecas é, certamente, o caminho para a construção de uma sociedade mais equilibrada e cônica de sua própria memória. A difusão através de exposições físicas ou digitais, notícias na mídia, publicação de pesquisas, representatividade em eventos científicos, participação em associações e grupos de pesquisa, adequação do discurso científico ineren-



Ana Virginia na Coleção de Livros Raros da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)
Foto: Diná Araújo

A difusão dos conteúdos das coleções de raridades que compõem os acervos de bibliotecas é o caminho para a construção de uma sociedade mais equilibrada e cônica de sua memória.

te ao livro raro para a conquista de potenciais usuários (o usuário do futuro) e, principalmente, o diálogo com o usuário real (o usuário do presente), através de entrevistas de referência, para ampliar as possibilidades de recuperação da informação registrada nos livros preservados porque, afinal, informação difundida é informação preservada.

PUBLICAÇÕES DE ANA VIRGINIA PINHEIRO

PINHEIRO, Ana Virginia. A Biblioteca-Museu do passado no presente, e o futuro do livro raro. Revista Museu, Rio de Janeiro, 18 maio 2019. Disponível em: <https://www.revistamuseu.com.br/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2019/6566-a-biblioteca-museu-do-passado-no-presente-e-o-futuro-do-livro-raro.html>. Acesso em: 24 jun. 2019. Fascículo comemorativo do Dia Internacional dos Museus.

PINHEIRO, Ana Virginia. Ciência, arte e técnica: todos os ângulos da Paleografia na Biblioteconomia de Livros Raros. In: LOSE, Alícia Duhá; SOUZA, Arivaldo Sacramento de (org.). Paleografia e suas interfaces. Salvador: Memória & Arte; Edufba, 2018. v. 1, p. 60-73. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/26224/3/Paleografia%20e%20suas%20interfaces.pdf>. Acesso em 24 jun. 2019.

PINHEIRO, Ana Virginia. História, Memória e Patrimônio: convergências para o futuro dos acervos especiais. In: VIEIRA, Brunno V. G.; ALVES, Ana Paula Meneses (org.). Acervos especiais: memórias e diálogos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p.33-44. Disponível em: <http://www.fclar.unesp.br/Home/Instituicao/Administracao/DivisaoTecnicaAcademica/ApoioaoEnsino/LaboratorioEditorial/colecao-memoria-da-fcl-n9.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2019.

PINHEIRO, Ana Virginia. Catalogação de livros raros: proposta de metodologia de formalização de notas especiais para difusão, recuperação e salvaguarda. Anais da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, v. 131, p. 185-213, 2011 (Rio de Janeiro, 2014). Lançado em março de 2015. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/109278012/Catalogacao-de-livros-raros-proposta-de-metodologia-de-formalizacao-de-notas-especiais-para-difusao-recuperacao-e-salvaguarda>. Acesso em: 24 jun. 2019.

PINHEIRO, Ana Virginia et al. O histórico da Biblioteca como instrumento de gestão e salvaguarda das coleções de livros raros e especiais na biblioteca universitária brasileira. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS [SNBU 2014], 18., 2014. Anais [eletrônicos]... Belo Horizonte: UFMG, 2014. Trabalho premiado/Eixo: Gestão de Bibliotecas Universitárias, Modalidade Apresentação Oral. Disponível em: <https://www.bu.ufmg.br/snbu2014/wp-content/uploads/trabalhos/549-2341.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2019.

PINHEIRO, Ana Virginia. Livro raro: antecedentes, propósitos e definições. In: SILVA, Helen de Castro; BARROS, Maria Helena T. C. (Org.). Ciência da informação: múltiplos diálogos. Marília, SP: Oficina Universitária Unesp, 2009. p. 31-44. Disponível em: http://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/helen_e%20book.pdf. Acesso em: 24 jun. 2019.

PINHEIRO, Ana Virginia. Glossário de Documentação e Codicologia. Anais da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, v. 115, p.123-213, 1995 (publ. 1998). Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630_1995_00115.pdf. Acesso em: 24 jun. 2019.

PINHEIRO, Ana Virginia. A ordem dos livros na biblioteca. Rio de Janeiro: Interciência; Niterói: Intertexto, 2007.

PINHEIRO, Ana Virginia. Que é livro raro?: uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1989.

MUSCAP NA 13ª PRIMAVERA DOS MUSEUS

Envolver ainda mais os públicos dos museus sob o desafio da aventura de conhecer, preservar e compartilhar memórias. Esse foi o objetivo da 13ª Primavera dos Museus, que ocorre anualmente no Brasil inteiro, onde cada instituição realiza uma série de atividades durante o mês de setembro. Em 2019, a programação proposta pelo IBRAM, trouxe a temática “Museus por dentro, por dentro dos museus”. E, para a melhor compreensão dessa relação entre instituições de memória, seus objetos e a sociedade, é necessário um olhar mais atento para os bastidores desses locais.

O Museu dos Capuchinhos (MusCap) realizou, nos dias 24 e 25 de setembro, ações, com objetivo de apresentar os procedimentos técnicos desenvolvidos com seu acervo. Participaram das atividades, os alunos dos 5º Anos da Escola Estadual de Ensino Fundamental Clemente Pinto e as alunas do Projeto SEMEAR da Prefeitura Municipal de Vale Real. A programação foi assessorada pela equipe do Programa Educativo do MusCap, Adriana Gheno e Christian de Lima.

Os participantes das ações conheceram a exposição “*Laudato Sii...* assim cantam os Capuchinhos”, o laboratório de Conservação e Restauração, a Biblioteca e a reserva técnica da Instituição.

Os estudantes participaram de uma mini oficina de conservação de fotografias de família. Na ação, realizaram o processo de higienização e acondicionamento das imagens que trouxeram de casa. As integrantes do Projeto SEMEAR, confeccionaram álbuns fotográficos e receberam orientações sobre como conservar e acondicionar suas fotos.

De acordo com a coordenadora do MusCap, Raquel Brambilla, a Primavera dos Museus é uma temporada cultural que apresenta possibilidades das instituições museais proporem ao público diferentes ações. “Com isso, há um engajamento da equipe do museu objetivando apresentar e compartilhar as memórias que estão preservadas nesses espaços. Este ano recebemos grupos de idades bem diferentes, e o resultado foi compensador pois vimos no olhar deles o encantamento e também a conscien-

zação da importância de preservar a memória, seja individual ou coletiva”, salientou.

A professora de artesanato do Projeto SEMEAR, Vanice Bernardes conta que a visita do grupo ao museu foi maravilhosa. “É muito gratificante ver que temos uma Instituição de memória com tantas obras e tão bem organizada. Nós amamos as dicas de preservação de fotografias, vamos passar para muitas pessoas. Agradecemos a oportunidade de conhecer os bastidores de um museu”, afirmou.

O Museu está aberto de segunda à sexta, das 8h às 11h30 e das 13h30 às 17h. Agendamento para grupos e visitas em horário especial através do e-mail educativo@muscap.org.br ou pelo telefone (54) 3220 9565.



Acima:

Grupo de estudantes da Escola Clemente Pinto durante visita ao MusCap

Mini-oficina de confecção de álbuns fotográficos realizada pelas alunas do Projeto SEMEAR

PROJETO DE PRESERVAÇÃO DA COLEÇÃO DE ÁLBUNS DE FOTOGRAFIAS

As histórias não moram apenas nas páginas de livros ou nos frames de filmes. Memórias contêm inúmeros detalhes, que muitas vezes, são quase imperceptíveis. Por isso, os álbuns fotográficos possuem grande importância na preservação de trajetórias, que guardam significados peculiares para a sociedade.

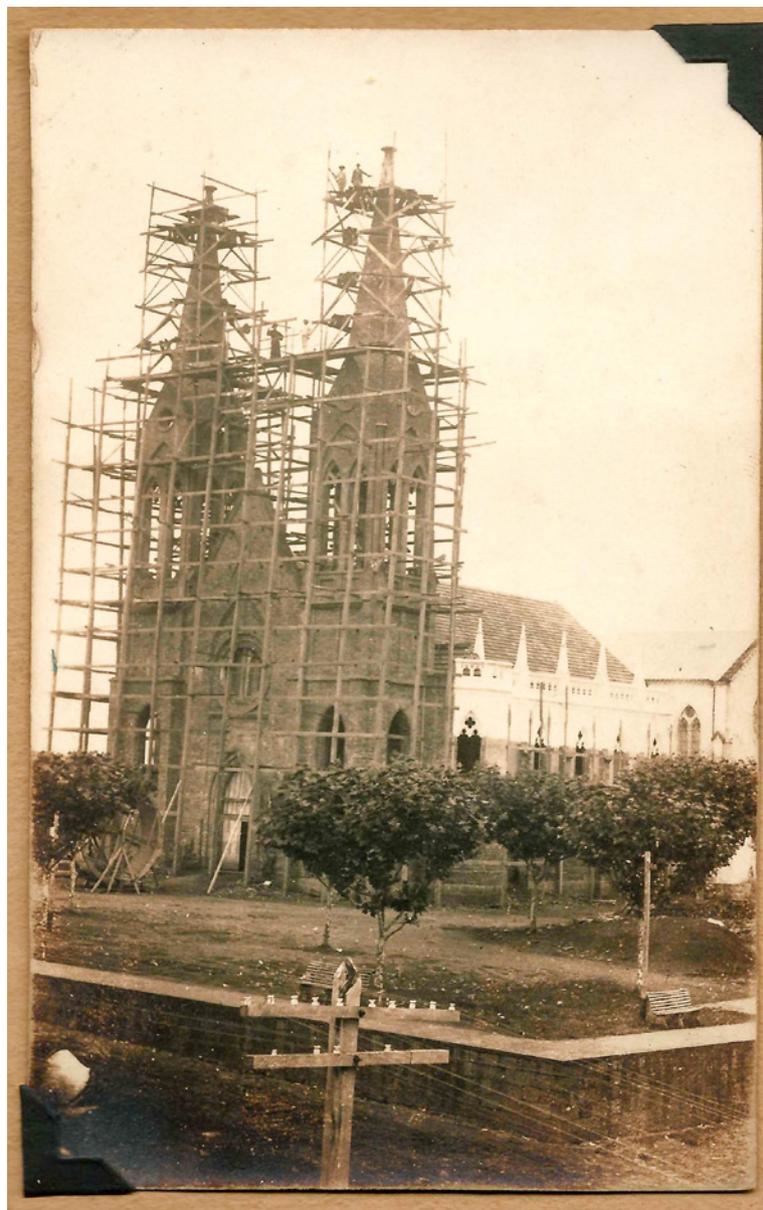
A coleção de fotografias do Museu dos Capuchinhos é composta por fotografias individuais e álbuns que contam a história, não apenas da Província dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul, mas registram também o desenvolvimento das cidades pelas quais os Frades passaram.

Pensando em conservar a memória deste acervo, o MusCap executou, de março a julho de 2019, o projeto de Preservação da Coleção de Álbuns de Fotografias. Aprovado pela LIC, Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Caxias do Sul/RS, com apoio cultural das Empresas Randon, da Tua Rádio São Francisco e da Rádio Mais Nova.

Trabalharam no projeto os seguintes profissionais: Cláudio da Costa, Deborah Braga Barra, João Mendes Neto e Susiele Alves Ramos. Realizando a conservação, restauração, digitalização e catalogação de 20 álbuns fotográficos, com aproximadamente 1.800 fotografias.

É importante destacar que, os museus atuam em várias frentes de ação, tais como: conservação do acervo, preservação da memória, atividades didáticas, de comunicação e de pesquisa. De acordo com o historiador, João Mendes Neto, os processos realizados nos álbuns do Museu dos Capuchinhos não só permitiram que essas fotos históricas se conservem por muito mais tempo, como também possibilitem a divulgação do conteúdo que elas guardam. "As fotografias deste acervo possuem características, além da própria história das técnicas empregadas, que podem auxiliar em pesquisas como hábitos, costumes, vestimentas, processo de urbanização, arquitetura, eventos históricos, entre outras. Para os historiadores são fontes primárias de pesquisa. Para as novas gerações, são fontes de admiração", salientou.

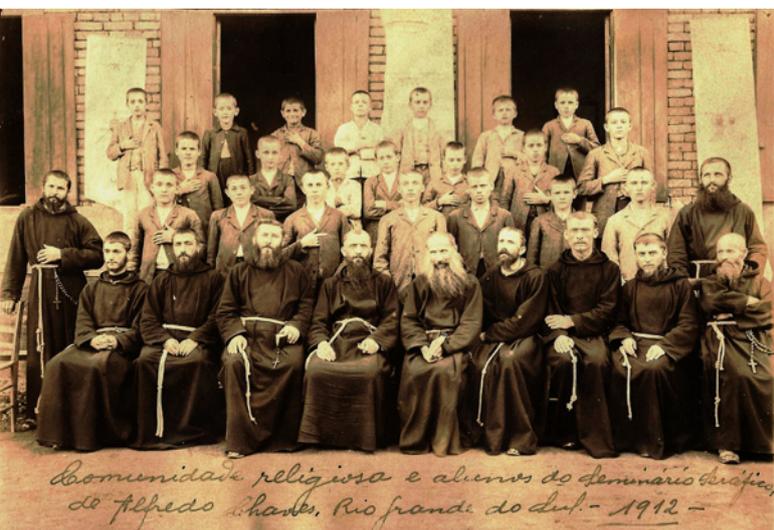
Os álbuns retratam diversos momentos da Histó-



Construção da Igreja Matriz São Luiz Gonzaga, em Veranópolis - RS, no ano de 1924

ria dos Capuchinhos, entre eles, é possível destacar as imagens das Missões Populares realizadas pelos frades missionários no Brasil e em Portugal. Além disso, o acervo ainda conta com imagens das atividades realizadas pelo Cineclube *Poverello*, no ano de 1963, em comunidades carentes, como Santa Luzia e Maria da Conceição, em Porto Alegre/RS.

A coleção está disponível ao público para pesquisa, através do site do MusCap e mediante agendamento pelo e-mail: arquivo@muscap.org.br ou telefone (54) 3220.9565. Além disso, também é possível realizar o *download* de cada álbum pelo site capuchinhos.org.br/muscap.



Grupo de frades e seminaristas Capuchinhos, no Seminário Seráfico São José, em Veranópolis/RS, no ano de 1912



Estação férrea na cidade de Soledade de Minas, no estado de Minas Gerais, no ano de 1964

EQUIPE ENVOLVIDA

Cláudio da Costa: Graduado em História pela Universidade de Caxias do Sul/RS (2013). Mestre em História pela Universidade de Caxias do Sul/RS (2018). No projeto, atuou como restaurador de papel, realizou o restauro e encadernação de alguns álbuns.

Deborah Braga Barra: Bacharel em Comunicação Social pela PUC/RJ (2011) e tecnóloga em Conservação e Restauro pela Faculdade da Serra Gaúcha (2017). No projeto, atuou como arquivista, realizou a digitalização, pesquisa e catalogação dos álbuns fotográficos.

João Mendes Neto: Historiador formado pela Universidade de São Paulo, com especialização em Fotografia pelo Centro Universitário SENAC/SP. No projeto, atuou como restaurador de fotografia, realizou a conservação e restauro do acervo.

Susiele Alves Ramos: Historiadora, formada pela Universidade de Caxias do Sul/RS (2013). Funcionária do Museu dos Capuchinhos responsável pelo Programa de Acervos que realiza a conservação, restauração, documentação e pesquisa do acervo. Atuou na gestão do projeto e realizou também a pesquisa e catalogação dos álbuns.

FÉRIAS NO MUSCAP

PROJETO RECEBE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO MUSEU



Acima: Grupo de crianças e adolescentes do Centro de Convivência Santo Antônio - Mão Amiga que participaram do projeto Férias no MusCap

Abaixo: Frei Celso Bordignon com as crianças na horta do Convento Imaculada Conceição

As Instituições de memórias estão em constante fase de transformações. A cada dia, é necessário se reinventar e acompanhar a evolução e os novos desafios. Foi pensando em quebrar o paradigma de que estes locais apenas guardam objetos antigos que, o Museu dos Capuchinhos realiza, em janeiro e julho, o Projeto Férias no MusCap. O programa, assessorado por Christian de Lima e Adriana Gheno, dissemina a ideia de que tais espaços são dinâmicos e culturais, disponíveis para todos os públicos.

O projeto foi criado em 2013 com o propósito de receber crianças e adolescentes durante o período de férias escolares, de forma que participem de atividades educacionais sobre diferentes temáticas. Na edição de 2019, envolveram-se no projeto, o Abrigo Recanto Amigo e Centro de Convivência Santo Antônio – Mão Amiga.

Os jovens participantes visitaram a exposição “*Laudato Sii...* assim cantam os Capuchinhos”; conheceram o laboratório de conservação e restauro do museu; e realizaram um passeio na horta do Convento Imaculada Conceição (mantida pelos Frades Capuchinhos no bairro Rio Branco, em Caxias do Sul/RS). Com mediação do diretor do MusCap, Frei Celso Bordignon, o grupo conheceu diferentes espécies de plantas e aprendeu sobre a importância da preservação do meio ambiente. Para finalizar, eles fizeram o plantio de mudas de plantas nativas.

De acordo com Bordignon, receber crianças e adolescentes no MusCap é um grande desafio para a Instituição, mas é uma ação recompensadora. “Nós temos que mostrar a eles a importância da memória e da preservação do patrimônio cultural, artístico e ambiental. São sementes que lançamos agora, para que no futuro a população colha os frutos”, salientou.

Vale destacar que o projeto Férias no MusCap ocorre anualmente, nos meses de janeiro e julho. Interessados em participar devem entrar em contato com o Museu por meio do telefone (54) 3220.9565 ou do e-mail educativo@muscap.org.br.

OFICINA DE PINTURA ENCÁUSTICA

O Atelier São Lucas, em parceria com o Museu dos Capuchinhos, realizou de 7 a 10 de agosto a Oficina Encáustica: Fogo, Cera e Pigmento. O principal objetivo foi tornar conhecida e difundida esta técnica entre artistas e interessados.

A encáustica é uma técnica pictórica que usa como aglutinante dos pigmentos a cera de abelha, ou outra cera, diluída no fogo. As tintas são aplicadas sobre o suporte ainda quentes e fixadas sobre ele após o resfriamento.

Nesta oficina os participantes puderam conhecer a história e a evolução desta técnica no tempo, os materiais, instrumentos e procedimentos para o desenvolvimento e a busca de uma linguagem individual.

Os conteúdos teóricos e práticos trataram sobre: glossário técnico; história da técnica; suportes tradicionais e sua preparação; história da técnica da encáustica da antiguidade até nossos dias; pigmentos de origem vegetal, mineral e animal; aglutinantes: os diversos tipos de ceras e sua utilização e a emulsão de cera.

Os participantes que manifestaram o desejo de continuar praticando e aprofundando o conhecimento deste tipo de pintura formaram um grupo que se reunirá quinzenalmente.



ANTES & DEPOIS



CONSERVAÇÃO E RESTAURO DE ARTE SACRA

Dr. Celso Bordignon
ABRACOR 943

celso@muscap.org.br

54 3220 9585

54 9 9656 2278



*Atelier
São Lucas*

#MusCapEuParticipo

EXPOSIÇÃO, DANÇA E CANTO



O Museu dos Capuchinhos, com o objetivo de aproximar ainda mais a comunidade da instituição, promove anualmente atrações culturais com o projeto #MusCapEuParticipo. Ampliando assim o número de frequentadores e o acesso à cultura. No segundo semestre de 2018, integrando as comemorações do centenário da reconquista da Independência pela Polônia, o MusCap recebeu a Exposição itinerante “*A to POLSKA właśnie*” (A POLÔNIA é isso aí) e a apresentação do Grupo de Dança Folclórica Kalina.

Em parceria com a BRASPOL, de 23 de outubro a 08 de novembro de 2018 permaneceu em cartaz na sala de exposições do museu a Exposição itinerante “*A to POLSKA właśnie*” (A POLÔNIA é isso aí). A mostra promovida pelo Consulado Polonês, apresentou através de 28 banners com textos e imagens as principais conjunturas do país durante os onze séculos de história que a compõem, de sua formação territorial e geográfica à arte contemporânea.

Juntamente com a mostra foi exposto o acervo pessoal do Frei Alberto Stawinski e Frei Adão Urbano Koakoski, frades de descendência polonesa e que sempre acompanharam com carinho a trajetória dos imigrantes poloneses no Rio Grande do Sul. Os objetos expostos, entre eles livros publicados, medalhas e homenagem recebidas, pertences pessoais e de devoção compõem o acervo do MusCap.

Já no dia 10 de novembro de 2018, o grupo de Dança Folclórica Kalina, de Nova Prata/RS, realizou uma apresentação e contou com a participação do Grupo de Cantos Poloneses. Também nesta ocasião ocorreu a sessão de autógrafos do livro *Escolas Étnicas Polonesas no Rio Grande do Sul*, obra de Adriano Malikoski.

Ao lado, de cima para baixo:

- Sibilia e Mariano Stodulski, descendentes de poloneses, em visita à exposição
- Grupo de Dança Kalina
- Visitantes durante a exposição

OFICINA DE ICONOGRAFIA

O Museu dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul em parceria com o Atelier São Lucas realizou a Oficina de Iconografia, que aconteceu nos dias 20, 21 e 22 de março de 2019. Com o objetivo de ampliar o conhecimento da comunidade em geral e dos funcionários do MusCap sobre o assunto.

O curso foi ministrado por Frei Celso Bordinon e organizado por Christian de Lima. Frei Celso é Doutor em Arqueologia Paleocristã / PIAC – Roma e diretor do MusCap.

Foram abordados conteúdos relacionados à História da Arte, do período Paleocristão até o Renascimento e Barroco. Foi proposto aos participantes o estudo sobre a iconografia ortodoxa cristã, questões relacionadas à leitura dos ícones e imagens religiosas, iconoclastia, hagiografia, técnicas utilizadas e os aparatos iconográficos das igrejas.

Participaram da oficina profissionais de diversas áreas do conhecimento, como historiadores, artistas, professores e funcionários de museus.



A palavra iconografia é originária da língua grega e quer dizer: imagem escrita. Escrever uma imagem é pintá-la, isto é, dizer com formas, cores e símbolos aquilo que poderia ser dito com palavras ou com um texto escrito. O iconógrafo é aquele que escreve imagens. Na verdade, ele transcreve os modelos legados pela tradição iconográfica da Igreja. Todo o ícone tem um conteúdo espiritual e teológico que deve ser transmitido para os cristãos e não pode ser modificado segundo a subjetividade do iconógrafo. Esse está a serviço da Igreja e deve transcrever fielmente os modelos que lhe são solicitados. A iconologia se ocupa do conteúdo teológico e espiritual do ícone auxiliando na leitura da imagem.

CAMINHADA EM COMEMORAÇÃO AO DIA ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL

Pela primeira vez, o estado do Rio Grande do Sul, celebrou nos dias 17 e 18 de agosto o Dia Estadual do Patrimônio Cultural, instituído pelo decreto nº 54.608, de 25 de abril de 2019.

Em alusão a data, o Museu dos Capuchinhos participou da programação realizando uma caminhada, partindo do bairro Rio Branco até o centro de Caxias do Sul/RS. No percurso os participantes passaram pelas principais edificações históricas e orientados pelo Historiador e Fotógrafo João Mendes Neto, elaboraram Sketches (desenhos rápidos).

Algumas das construções retratadas fazem parte do cotidiano de quem anda pelas ruas da cidade, como o Casarão Bedin, da década de 1910, a Estação Férrea, a Praça Dante Alighieri e o Clube Juvenil.

A ação realizada proporcionou aos participantes uma aproximação com o Patrimônio Cultural da cidade. No ano de 2020, a data será celebrada nos dias 15 e 16 de agosto, e contará novamente com a participação do MusCap.



CONSERVAÇÃO DE ACERVOS EM COMODATO

Preservar a história sempre foi um grande desafio e, nesse sentido, os museus são agentes de suma importância. São eles que fazem a conexão entre passado, presente e futuro. Instituições de memória informam e educam por meio de seu acervo. Além disso, instigam a curiosidade e o debate que ajudam na construção da sociedade.

Pensando em preservar a memória dos Frades, o Museu dos Capuchinhos (MusCap) realizou, de janeiro a março de 2019, a higienização de acervos em comodato. O trabalho foi realizado pela conservadora restauradora, Chanaísa Melo e pela historiadora Susiele Alves Ramos, que atuam no Programa de Acervos do Museu.

O objetivo do MusCap em possuir acervos em comodato é manter viva a identidade das Fraternidades Capuchinhas, presentes em todo o Estado do Rio Grande do Sul. Para o funcionamento desse processo, foi necessário assinar um contrato de comodato entre o Museu dos Capuchinhos e as Instituições que fazem a guarda. Assim, os objetos são catalogados e os procedimentos de conservação e restauro, quando necessários, ficam sob responsabilidade da equipe do museu.

No total, 16 objetos do acervo em comodato passaram pelo processo de conservação, como pinturas, esculturas, quadros e uma relíquia. Nos artefatos, foram utilizadas duas técnicas de higienização: mecânica e química. A mecânica consiste na limpeza a seco e tem como objetivo reduzir poeira, partículas sólidas, incrustações, resíduos de excrementos de insetos ou outros depósitos de superfície. Já a química, é realizada com solventes, como, por exemplo, água, detergente neutro, entre outros.

Antes da realização da higienização, as obras passaram por análise. Para a definição do melhor processo a ser adotado na conservação do artefato. De acordo com a conservadora restauradora, Chanaísa Melo, é relevante que o profissional ao trabalhar



Pintura religiosa de Pierre Gunther, que passou pelo processo de higienização mecânica, está localizada na Pousada dos Capuchinhos em Vila Flores/RS



Escultura em madeira, de Nossa Senhora de Fátima, do artista português Guilherme Ferreira Thedim

nas obras tome alguns cuidados. “Primeiramente, é necessário ter um ambiente adequado para o tratamento dos objetos e deve-se usar sempre equipamentos de proteção individual (EPI’s)”, afirmou.

Chanaísa ainda destaca que o processo de conservação do acervo em comodato é imprescindível para manter a integridade das peças pertencentes ao MusCap. “Os artefatos ficam expostos em diversos ambientes, e por isso torna-se necessário a realização desses procedimentos de higienização ao menos uma vez por ano”, salientou.

Os artefatos em comodato estão presentes nos seguintes locais no Rio Grande do Sul: Pousada dos Capuchinhos, em Vila Flores; Centro Franciscano de Espiritualidade, junto ao Convento São Lourenço de Brindisi, em Porto Alegre; Convento São Maximiliano Kolbe e Casa Provincial, em Caxias do Sul. Além disso, durante o processo de higienização, foi entregue ao MusCap uma imagem em gesso da Imaculada Conceição da Fraternidade São Maximiliano Kolbe. A iniciativa ocorreu devido a preocupação dos frades residentes nesta Fraternidade com a conservação do objeto.



O quadro com a pintura “Cristo: Caminho, Verdade e Vida” durante o processo de higienização realizado pela conservadora restauradora Chanaísa Melo

SEMANA DOS MUSEUS

ACADÊMICOS DO CURSO DE HISTÓRIA DA UCS VISITAM O MUSEU DOS CAPUCHINHOS

De 13 a 19 de maio de 2019, ocorreu a 17ª Semana Nacional dos Museus (SNM), uma temporada cultural promovida pelo Ibram, em comemoração ao Dia Internacional de Museus, celebrado no dia 18 de maio. De acordo com a Instituição, a edição contou com 3.222 atividades especiais em todo o Brasil sob a temática “Museus como Núcleos Culturais: o Futuro Das Tradições”.

O Museu dos Capuchinhos (MusCap) promoveu visita guiada à exposição “*Laudato Sii... assim cantam os Capuchinhos*” e uma oficina de noções básicas de conservação aos estudantes da disciplina de Fundamentos Teóricos do Patrimônio Cultural do curso de graduação em História da Universidade de Caxias do Sul (UCS). A atividade foi conduzida pelos historiadores Susiele Alves Ramos e Christian de Lima e pela conservadora restauradora Chanaísa Melo.

Além de conhecerem a exposição, os estudantes realizaram uma visita guiada pelo MusCap, passando pelos arquivos audiovisual, fotográfico, documental e a biblioteca. Para a professora da UCS, Luiza Iotti, o objetivo maior da visita foi observar como é realizada a preservação do patrimônio, para posteriormente, como trabalho final da disciplina, os alunos montarem suas próprias caixas de memória, com objetos relacionados à história pessoal de cada um. “Eu aproveitei a Semana dos Museus para mostrar como funciona na prática o processo de preservação, para que eles saibam como guardar seus próprios objetos”, afirmou.

Para a acadêmica do 7º Semestre do curso de graduação em História, Alexandra da Silva de Lima, participar da visita a surpreendeu. “Eu já tinha ouvido falar no MusCap, porém eu não imaginava todo o trabalho e cuidado da Instituição com o acervo. A atividade é muito importante para a minha formação”, salientou.



Acima:

Acadêmicos participam da oficina de noções básicas de conservação com a restauradora Chanaísa Melo

Estudantes da UCS conhecem o acervo do MusCap

WORKSHOP DE CERÂMICA COM A TEMÁTICA SÃO FRANCISCO DE ASSIS



O Museu dos Capuchinhos em parceria com a artista Daniela Antunes, realizou um Workshop de Cerâmica com a temática de São Francisco de Assis. As aulas foram ministradas pela artista durante os meses de maio e junho, inicialmente no Atelier São Lucas e finalizadas no ateliê da escultora.

O curso objetivou a confecção de uma imagem de São Francisco de Assis, a partir de técnicas de modelagem à mão com acabamentos personalizados. No primeiro encontro Frei Celso Bordignon falou sobre detalhes da vida e da iconografia do Santo.

Com duração total de 8 horas, cada aluno criou uma escultura de São Francisco com elementos iconográficos próprios. Após a finalização das obras, os participantes confraternizaram e apresentaram os resultados da oficina.



ESTÁGIOS CURRICULARES

MUSCAP ABRE ESPAÇO PARA ACADÊMICOS DE GRADUAÇÃO

Nos últimos dois anos, três alunos realizaram suas atividades acadêmicas no Museu dos Capuchinhos. Entre as ações na Instituição, os estudantes atuaram na organização, catalogação, e higienização de acervos, bem como produção, manutenção e difusão de memória.

Durante o período de 13 de agosto a 26 de setembro de 2018, o MusCap recebeu a estudante Mariana Borges para a realização de estágio. Já de 16 de agosto a 09 de outubro de 2019, foi a vez da aluna Mariana Bado Garcia. Ambas as acadêmicas do curso de graduação em Biblioteconomia da Universidade de Caxias do Sul (UCS), tiveram a supervisão da bibliotecária consultora do MusCap, Clarissa Afonso da Silveira. O estudante de Licenciatura em História da UCS, Lucas Fernando Sobroza, também realizou estágio, de 21 de maio a 18 de junho de 2019, sob a assessoria da historiadora, Susiele Alves Ramos.

Vale destacar que no período de estágio, Lucas produziu uma caixa didática com atividades destinadas a estudantes de 2º e 3º Ano do Ensino Médio sobre o conteúdo das Reformas Religiosas, transpondo-o para uma perspectiva de História Local que proporcione aos alunos perceber as rupturas e permanências desse processo em sua cidade e região. O material educativo está disponível para consulta no MusCap para professores e acadêmicos. Para o aluno, poder estar em contato com o museu foi uma experiência muito positiva. “Com certeza eu recomendo essa experiência para meus colegas. O museu possui um amplo acervo documental, iconográfico, tridimensional, que oferece muitas possibilidades para os historiadores. Além disso, possui um setor de conservação e restauro com profissionais capacitados e comprometidos”, afirmou.

Uma das preocupações do MusCap é que o seu acervo seja utilizado para produção de conhecimento. De acordo com Susiele, abrir as portas para os acadêmicos realizarem estágios curriculares, é oportunizar o contato com a prática o que complementa o aprendizado deles nas instituições de ensino. “É gratificante ver que novos profissionais desta área são comprometidos em produzir conhecimen-

to através do uso de fontes primárias e levar isso para as salas de aula. A caixa didática que o Lucas elaborou, poderá ser utilizada pelos professores da rede de ensino e também pelos responsáveis pelo Programa Educativo do museu quando recebermos o público escolar”, salientou.



Estudante Lucas Fernando Sobroza durante o estágio no MusCap



Acadêmica de Biblioteconomia Mariana Borges realizando atividades, sob coordenação da bibliotecária consultora do MusCap, Clarissa Afonso da Silveira

CURSO DE BIODETERIORAÇÃO EM BENS CULTURAIS

Pensando na preservação de seu acervo e no cuidado com a saúde dos indivíduos, o Museu dos Capuchinhos (MusCap), realizou nos dias 10 e 11 de junho, o curso “Biodeterioração em Bens Culturais: medidas de identificação, tratamento e prevenção”, ministrado pela conservadora restauradora, Raquel F. G. Augustin. A ação contou com profissionais da área museológica de diversas cidades do Rio Grande do Sul, como Caxias do Sul, Pelotas, Porto Alegre e Veranópolis.

Durante o curso, foram abordadas as seguintes temáticas: insetos e microrganismos: identificação dos danos, caracterização e ciclo de vida; tratamentos de aplicação direta e indireta: prós e contras e medidas preventivas. Vale ressaltar que a biodeterioração dos bens culturais é ocasionada por agentes biológicos que provocam alterações de diversas naturezas em objetos e coleções.

A coordenadora do MusCap, Raquel Brambilla contou que a realização do curso foi pensada com o propósito do museu ser mais dinâmico e ter maior aproximação com a comunidade. “A ação só traz benefícios. Há troca de informações e conhecimentos entre os profissionais que atuam na área museológica. Além disso, temos a oportunidade de apresentar o nosso museu para públicos diferentes, afirmou.

O curso trouxe como objetivo a discussão de métodos que resolvam os ataques de insetos sem à utilização de produtos químicos com níveis relevantes de toxicidade para não causar alterações nas peças. Para a conservadora restauradora, Raquel F. G. Augustin, discutir tais temáticas contribui para a disseminação de informação sobre a preservação em climas tropicais, abordando soluções passíveis de realização. “Levar esses temas para a comunidade, é uma forma de capacitar o agente cultural a conhecer as ameaças que rondam sua instituição e os métodos de controle dos quais ele pode se utilizar”, relatou.

A graduanda em história da Universidade de Caxias do Sul, Geovana Erlo, contou que trabalha em um espaço de memória como mediadora de visitas e arquivista. Ela relatou que todos os bens



Conservadora restauradora, Raquel Augustin explica sobre os processos de identificação dos danos causados por insetos em acervos

culturais com que atua, apresentam graus de deterioração. Dessa forma, o curso a propiciou um aprofundamento na teoria e na prática de conservação. “Ao longo da ação, pude conhecer a complexa rede de tratamentos que podem ser aplicados aos bens em questão, dependendo do grau de deterioração e do agente que a causa, o que me auxiliou muito no diagnóstico de peças em meu trabalho”, salientou.

Para o engenheiro de operação mecânica e ambiental aposentado, Sergio Weil, participante do curso, a temática da ação foi muito interessante, pois buscou o cuidado dos objetos que são manuseados frequentemente por todos, como livros, álbuns, documentos, pinturas, partituras, entre outros. “Após a realização da ação, eu revisei os livros da minha biblioteca e encontrei dois exemplares atacados por insetos, os quais foram prontamente higienizados”, destacou.

Anualmente o MusCap organiza atividades com temáticas voltadas a conservação e restauro, abertas para a comunidade em geral. Mais informações podem ser obtidas pelo telefone (54) 3220.9565 ou pelo e-mail educativo@muscap.org.br.

DIALOGARTE

BATE-PAPO SOBRE A TEMÁTICA “MUSICANDO O BRASIL”



Dra. Eliana Gasparini Xerri discorre sobre a relação da música com a história do Brasil



Público do Dialogarte de 2019

O Dialogarte é um evento que possui marca registrada no Museu dos Capuchinhos (Mus-Cap), ele ocorre anualmente e reúne especialistas, artistas, educadores e teóricos para troca de ideias sobre diversos assuntos. Em 2019, a ação foi ministrada pela professora Dra. Eliana Gasparini Xerri, com a temática “Musicando o Brasil”. Participaram do encontro estudantes da Escola Estadual de Ensino Fundamental Clemente Pinto e da Escola Estadual de Ensino Médio Irmão José Otão, bem como a comunidade em geral.

Durante a palestra, Eliana abordou a importância da música ao longo da história do Brasil, retratando arranjos, LP’s e CD’s. Além disso, a professora apresentou diferentes músicas de compositores brasileiros, como Caetano Veloso e Chico Buarque. Realizou ainda uma análise da relação musical em períodos da Era Vargas à redemocratização do país.

A professora contou que quando recebeu o convite para participar do Dialogarte, se sentiu desafiada a palestrar para diferentes públicos. Ainda assim, ela ressaltou que a temática foi assertiva, pois gerou uma grande participação do público. “Eu parablenizo o MusCap pela iniciativa, pois, além de possibilitar a visita às exposições e instalações, tem se voltado a construir entendimentos diversos sobre temas relevantes. Assim, tais eventos aproximam a população do espaço, credita novos olhares sobre o Museu, possibilita diálogos entre servidores, população e ministrantes. É, com toda a certeza, um diferencial que deve ser mantido e “exportado” para outros espaços de memória”, salientou.

Para o historiador Christian de Lima, colaborador do Museu dos Capuchinhos, a temática da ação foi escolhida de forma que envolvesse a população e, nada melhor que a música. “Podemos criar um ambiente de reflexão e pensamento crítico nos contextos de cada período apresentado durante o encontro. Foi enriquecedor”, afirmou.

LENDAS DE ENGANARA MORTE

#MUSCAPEU PARTICIPO RECEBE PEÇA TEATRAL

A edição de 2019 do #MusCapEuParticipo trouxe a apresentação do espetáculo “Lendas de Enganar a Morte”. A peça teatral que é assinada pela Companhia Tem Gente Teatrando, teve sua exibição no mês de novembro.

O espetáculo conta com a direção e dramaturgia de Zica Stockmans, que utiliza diferentes linguagens para falar sobre um tema ainda tabu e ao mesmo tempo comum a todos os indivíduos. A já conhecida figura da morte, a partir da sutileza do texto e dos climas criados, adquire diferentes ares e formas neste espetáculo que foi contemplado com o Prêmio Anual de Incentivo à Montagem Teatral de Caxias do Sul/RS. Sandro Martins e Sara Fontana dão vida aos personagens que interagem e percorrem diversos cenários durante os 50 minutos de peça.

Na apresentação, dois andarilhos sem

rumo, após uma longa jornada, decidem parar para um descanso. Sob a luz do luar, eles começam a contar causos sobre a morte para passar o tempo, uma alusão às lendas latino-americanas. Animações, sombras e objetos cênicos dão a vida a dramaturgia.

Segundo a diretora da peça, Zica Stockmans, o espetáculo brinca com as mais diferentes linguagens do teatro. Além disso, ela ainda ressaltou que a temática da morte foi retratada de uma forma lúdica e até mesmo cômica para os mais variados públicos. “É a nossa primeira apresentação em um museu, mas já passamos desde igrejas, até mesmo garagens de prédios. É uma ansiedade apresentar o espetáculo, pois cada sessão é uma novidade”, afirmou.

O ator Sandro Martins contou que o teatro é o contato do ser humano com a arte. Os atores objetivam mostrar para as pessoas a beleza que ele traz. “Eu tive meu primeiro contato com o teatro em 1998, e é importante encontrar públicos diferentes para mostrarmos essa arte”, argumentou.

A contadora Elen Pedri, presente na apresentação do espetáculo, conta que, sempre que pode, participa das ações do MusCap. “Eu adorei estar aqui hoje, a peça foi muito bacana. Esses eventos deveriam ter mais incentivo em Caxias do Sul. Eles fazem a diferença”.

Atores Sara Fontana e Sandro Martins durante a apresentação da peça



sobre o #MusCapEuParticipo

De acordo com a coordenadora e museóloga do Museu dos Capuchinhos, Raquel Brambilla, grupos ou pessoas que tenham interesse em realizar uma apresentação artística ou cultural, podem entrar em contato para participar da programação anual. Raquel ressaltou que é de suma importância que esses espaços sejam disponibilizados a comunidade. “Esses eventos veem para agregar ao MusCap, pois ele é um espaço multicultural. Todas as manifestações culturais são bem-vindas”. Ela ainda salientou que ver a casa cheia traz uma satisfação imensa para toda equipe do MusCap. “Isso é sinal de que estamos no caminho certo e que a comunidade está abraçando os nossos projetos”, finalizou.

MEMÓRIAS E COLEÇÕES

O legado que o agrônomo e naturalista José Zugno deixou para Caxias do Sul, transformou tanto o meio rural, quanto o urbano da cidade. Entre as ações realizadas no município, estão a introdução da policultura e melhoramento genético, a criação das feiras do agricultor, a arborização urbana, o cuidado com parques, praças e jardins, entre muitas outras.

Com o objetivo de apresentar a população os feitos de José Zugno, o Museu dos Capuchinhos (MusCap) sediou, de 27 de novembro de 2019 a 17 de abril de 2020, a exposição “Memórias e Coleções do Naturalista José Zugno”. Na abertura da mostra foi lançado o livro “A Palmeira Humana Memórias do Naturalista e Escritor José Zugno”, escrito por Ricardo Zugno, filho do agrônomo.

A exposição traz ao público painéis, objetos pessoais e fotos históricas que retratam a evolução da

arborização/ajardinamento urbano e da diversificação da produção hortigranjeira do município. Além disso, a mostra conta com uma coleção de selos com temática botânica e de conchas marinhas raras, bem como a ambiência do seu espaço profissional quando atuou no Jornal Correio Rio-grandense. No periódico, o naturalista e escritor produziu a coluna “Vida Agrícola” ao longo de mais de 50 anos, com a qual também colaborou significativamente para o desenvolvimento do meio rural em todo o território nacional.

Para Ricardo Zugno, a exposição é de suma importância para a população. “Com este projeto creio estar compartilhando a história, os conhecimentos e, sobretudo, o perfil de um homem que dedicou a vida a amar e cuidar da natureza, e da harmonia dos seres humanos entre si e com ela”, salientou.

sobre José Zugno

Neto de imigrantes italianos, nasceu em Caxias do Sul/RS, no dia 17 de fevereiro de 1924. Formado em Agronomia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1947. No ano seguinte, também colou grau em História Natural pela PUCRS. Em 1949, assumiu o desafio de implantar em Caxias do Sul/RS, a Diretoria de Fomento Agrícola e Assistência Rural (DFAR), que mais tarde denominou-se Secretaria Municipal de Agricultura. Introduziu no meio rural variedades mais produtivas de cereais, diversificação de produtos agrícolas, inseminação artificial do gado, serviço de tratores, entre tantas outras iniciativas. O trabalho de extensão rural que Zugno fazia através da DFAR e da coluna Vida Agrícola antecipou em vários anos os órgãos oficiais de assistência técnica aos agricultores, como a Ascar, a Emater e a Embrapa.

O trabalho de José Zugno era considerado de tal excelência que lhe garantiu preferência para estar à frente da DFAR/Secretaria de Agricultura durante 26 anos, sob nove administrações públicas dos mais variados partidos políticos. O Horto Municipal de Caxias do Sul leva seu nome, em homenagem ao seu trabalho.

No meio urbano foi responsável pela criação e incremento de ambientes como praças, parques e jardins e pela farta arborização urbana que legou ao município um patrimônio arborístico diversificado com espécies (nome popular) como jacarandás, estremosas, ligustros, ipês, entre tantas outras.

José Zugno na residência da família, em 2007





Museu dos Capuchinhos | MusCap

Rua General Mallet 33A | Bairro Rio Branco | Caxias do Sul/RS

(54) 3220-9565

| [instagram.com/muscapr](https://www.instagram.com/muscapr)

| [facebook.com/museucapuchinhos](https://www.facebook.com/museucapuchinhos)